

**FACULDADES EST**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**ELIZABETH MARQUES DA SILVA**

**"NÃO COZERÁS O CABRITO NO LEITE DE SUA MÃE"  
UMA ANÁLISE TEOLÓGICA, CULTURAL E NUTRICIONAL**

São Leopoldo - RS

2015

ELIZABETH MARQUES DA SILVA

“NÃO COZERÁS O CABRITO NO LEITE DE SUA MÃE”  
UMA ANÁLISE TEOLÓGICA, CULTURAL E NUTRICIONAL

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Orientador: Me. Verner Hoefelmann

São Leopoldo - RS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586n Silva, Elizabeth Marques da  
"Não cozerás o cabrito no leite da sua mãe : uma análise teológica, cultural e nutricional / Elizabeth Marques da Silva ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.  
88 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Bíblia. Êxodo 23 – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia. Êxodo 34 – Crítica, interpretação, etc. 3. Bíblia. Deuteronômio 14 – Crítica, interpretação, etc. 4. Judeus – Leis dietéticas. 5. Nutrição – Aspectos religiosos – Judaísmo. 6. Alimentos – Aspectos religiosos. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Dedico este trabalho ao meu marido, Lauro Queiroz e a meus filhos, Renan, Talita e Isabela. Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fortalece, encoraja e capacita no entendimento de sua Palavra.

Aos meus pais, Pedro (*in memoriam*) e Conceição, pela educação, pelo amor, pelo carinho e pela dedicação.

Aos meus irmãos e irmãs, que estão sempre presentes na minha vida.

Ao meu marido, Lauro, companheiro de todas as horas de estudo, pelo apoio, incentivo e perseverança.

Aos meus filhos, Renan, Talita e Isabela, pelo amor e incentivo na realização dessa jornada.

Ao meu orientador, professor e mestre, Verner Hoefelmann, pela compreensão, orientação e apoio em todos os momentos da confecção do trabalho.

Às funcionárias da Biblioteca, que sempre me acolheram com simpatia.

Ao professor e Doutor Manoel Moraes, pelo incentivo e apoio.

Ao professor e Mestre José Carlos Costa, pela orientação acadêmica.

Aos meus amigos de mestrado, pela companhia e pelo apoio.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

“Embora eu lhe escreva a minha lei em dez mil preceitos,  
estes seriam tidos como coisa estranha”.

Os 8.12

## RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo relacionado ao preceito bíblico “Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe”, descrito em Êxodo 23.19; 34.26 e Deuteronômio 14.21, numa perspectiva teológica, cultural e nutricional. A pesquisa se orienta pelo padrão metodológico praticado pela Faculdade EST e pelos seus orientadores de pesquisa. O primeiro capítulo procura, sucintamente, situar o texto em seus contextos literários, submetendo-os a uma análise histórica, social, geográfica e literária. Ele se ocupa também com o estudo do texto através da sua tradução, análise literária e redacional. Apresenta opiniões a respeito da proibição, baseadas em estudos científicos e antropológicos de renomados teólogos. O segundo capítulo trata da origem, evolução, literatura e cultura judaica, procurando apresentar as leis dietéticas, além das orientações relacionadas à mistura de carne e leite, das técnicas de preparação de alimentos *kasher*/puros. E, por fim, o terceiro capítulo se reporta a estudos científicos relacionados à ciência da nutrição, com ênfase nos nutrientes da carne e do leite. Conceitua nutrição humana como ciência, relaciona religião e alimento, vivência e sobrevivência e normas alimentares. E conclui com resultados de pesquisas relacionadas à interação alimentar existente entre os nutrientes da carne e do leite.

Palavras-chave: Cabrito. Leite e Carne. Leis dietéticas judaicas. Nutrientes.

## ABSTRACT

This paper presents a study related to the Biblical precept “You shall not boil a kid in its mother’s milk.” described in Exodus 23:19; 34:26 and in Deuteronomy 14:21 in a theological, cultural and nutritional perspective. The research is guided by a methodological pattern practiced by the Faculdades EST and by its research orientators. The first chapter succinctly seeks to situate the texts in their literary contexts submitting them to an historical, social, geographical and literary analysis. It also occupies itself with the study of the text through its translation, literary and redactional analysis. It presents opinions with respect to the prohibition, based on scientific and anthropological studies of renowned theologians. The second chapter deals with the Jewish origin, evolution, literature and culture, seeking to present the dietary laws, beyond the orientations regarding the mixture of meat and milk, the techniques of preparing *kasher*/pure foods. And, finally, the third chapter deals with the scientific studies related to the science of nutrition with emphasis on the nutrients of meat and milk. Human nutrition is conceived as science, relating religion and food, living and surviving and eating rules. And it concludes with results of research related to the food interaction that exists between the nutrients of meat and milk.

Keywords: Goat. Milk and Meat. Jewish dietary laws. Nutrients.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 ANÁLISE DO TEXTO: “não cozerás um cabritinho no leite de sua mãe”</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1 O texto no livro do Êxodo 23.14-19</b> .....	<b>15</b>
1.1.1 O contexto de Êxodo 23.19.....	17
1.1.2 Análise histórica.....	17
1.1.2.1 Contexto social.....	19
1.1.2.2 Ambiente social.....	19
1.1.3 Geografia.....	20
1.1.4 Análise literária.....	20
1.1.4.1 Estrutura.....	20
1.1.4.1.1 O Código da Aliança.....	21
1.1.4.2 Gênero literário.....	22
1.1.4.2.1 A Lei no contexto do livro de Êxodo.....	22
<b>1.2 O texto de Êxodo 34.26</b> .....	<b>24</b>
1.2.1 Delimitação do texto.....	24
1.2.2 Análise histórica.....	25
<b>1.3 O texto no livro de Deuteronômio 14.21</b> .....	<b>26</b>
1.3.1 Análise histórica.....	27
1.3.1.1 Análise do contexto histórico.....	28
1.3.1.2 Análise do ambiente social.....	29
1.3.1.3 Análise geográfica.....	29
1.3.1.4 Análise literária.....	30
1.3.1.5 Gênero literário.....	31
1.4 A repetição de leis no Antigo Testamento.....	32
1.5 Interpretação do texto.....	32
1.6 Leitura do aparato crítico.....	33
1.7 Análise das palavras.....	33
1.8 Análise do texto na ótica de alguns teólogos e estudiosos da religião.....	34
1.8.1 O motivo para a criação do preceito na visão de teólogos.....	35
<b>2 O POVO JUDEU E SUAS LEIS DIETÉTICAS</b> .....	<b>39</b>
<b>2.1 O povo judeu</b> .....	<b>39</b>
2.1.1 Origem do povo.....	39
2.1.2 A evolução do povo judaico e suas leis.....	40
2.1.3 Hebreus, judeus ou israelitas?.....	43
<b>2.2 Os livros judaicos</b> .....	<b>44</b>
2.2.1 A Bíblia.....	44
2.2.2 O Midrash.....	47
2.2.3 O Zohar.....	47
2.2.4 O Sidur.....	48
2.2.5 O Mashor.....	48
2.2.6 A Resposta.....	48
2.2.7 Os Comentários.....	49
<b>2.3 As leis dietéticas no entendimento judaico</b> .....	<b>49</b>
2.3.1 Os animais puros e os impuros.....	50
2.3.2 As Leis Dietéticas – <i>Kashrut</i> .....	52
2.3.3 Considerações gerais do <i>Kashrut</i> .....	52
2.3.4 A carne como alimento judaico.....	53

2.3.5 Leite na dieta israelita.....	54
2.3.6 Kashrut: orientações relacionadas à mistura de carne e leite .....	54
2.3.7 Técnicas de fazer <i>Kasher</i> .....	57
2.3.8 O entendimento judaico das normas alimentares .....	57
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO A PARTIR DA CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO</b>	<b>59</b>
3.1 Nutrição humana como ciência.....	59
3.2 Religião e alimento .....	60
3.3 Vivência, sobrevivência e normas alimentares .....	61
3.4 A carne e seus nutrientes .....	63
3.5 Leite .....	68
3.6 A interação nutriente-nutriente .....	70
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>77</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

Estava Moisés atento escrevendo as tábuas da lei e os mandamentos do Deuteronômio (reescrevendo a Torá) no monte Sinai.

E Deus diz:

- Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe...

E Moisés pergunta:

- Isso significa que não posso misturar leite e carne?

- Não! Eu falei, não cozerás o cabrito no leite de sua mãe...

E Moisés pergunta:

- Isso significa que tenho que ter talher separado para leite e carne?

- Não! Eu falei, não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.

E Moisés pergunta:

- Isso significa que temos que esperar seis horas entre comer leite e carne?

E Deus responde:

- UFFF! Faça o que você quiser!

Esta anedota, contada por um guia judeu durante o curso de “Arqueologia Bíblica,” promovido pela Faculdades EST em novembro de 2013 em Israel, mais precisamente na cidade de Berseba, próximo ao poço em que supostamente o patriarca Abraão teria feito aliança com Abimelec, rei dos filisteus, chamado de “poço do juramento” (Gn 21.22-34), deu origem ao tema do presente trabalho: “Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe: Uma análise teológica, cultural e nutricional”. Durante a estada na Terra Santa, pudemos observar como o preceito mosaico é guardado até os dias de hoje, até mesmo em contextos secularizados: nos hotéis, o café da manhã era preparado apenas com leite e seus derivados, enquanto que no almoço e jantar os pratos eram servidos à base de carnes. Em algumas residências judaicas, que possuem melhores condições financeiras, existem duas cozinhas. O objetivo é evitar a mistura de alimentos preparados com carne daqueles preparados com leite e seus derivados. Por esta razão, louças, utensílios, geladeira, fogão, dentre outros, devem ser adquiridos em dobro.

A ênfase dada à prescrição alimentar, de acordo com os guias locais, estava baseada em Deuteronômio 14.21. Eles sabiam que a lei consta três vezes na Bíblia. Entretanto, não lembravam em que lugar do livro do Êxodo se encontrava a lei. Além

disso, durante a aula de hebraico, em visita a uma comunidade judaica, em Porto Alegre, o rabino, ao ensinar a lei, referiu-se novamente ao cumprimento do que estava escrito em Deuteronômio 14.21. Schmidt destaca que o livro interferiu profundamente na vida do povo.<sup>1</sup>

Como entender uma lei escrita há milhares de anos atrás, por um autor que viveu em um contexto histórico e cultural diferente do nosso? Por que ele fez esta lei? Para quem ela foi feita? Como ela é interpretada pelo povo hebreu? Por que eles a cumprem até o dia de hoje? A lei judaica teria algum fundamento científico? Como ela é entendida pelos teólogos?

O presente trabalho procura responder a estes questionamentos a partir de uma pesquisa bibliográfica, composta basicamente por três passos: primeiramente, o entendimento teológico do texto; em seguida, o conhecimento e a prática judaica relacionada ao preceito; finalmente, procurar-se-á apreender as causas e consequências da interação alimentar existente entre os nutrientes da carne e do leite com base na nutrologia. O objetivo da presente pesquisa é compreender o sentido do preceito para teólogos e judeus da atualidade, estabelecendo relação entre as leis dietéticas judaicas e a ciência da nutrição.

A relevância da presente pesquisa consiste em tentar demonstrar como uma lei antiga influencia até hoje a cultura de um povo, modificando e interferindo em seus hábitos alimentares. Além disso, é um preceito bíblico curiosamente descrito três vezes na Bíblia, instigando seu entendimento por teólogos, antropólogos e estudiosos das ciências da religião.

O presente trabalho está dividido em três partes: No primeiro capítulo, pretende-se situar os textos de forma sucinta dentro dos contextos bíblicos em que estão inseridos. Em Êxodo 23.19, ele faz parte do chamado Código da Aliança (Êx 20.22-23.33), um dos mais antigos códigos do Antigo Testamento; em Êxodo 34.26, situa-se no contexto do chamado Código Cultural (Êx 34.10-28); por fim, em Deuteronômio 14.21, está inserido na chamada Lei Deuteronômica, no período da monarquia tardia, que provavelmente serviu de base para a reforma de Josias (2Rs 22.23). Em seguida, o capítulo procura entender o preceito bíblico através da análise do texto original e da análise redacional. Por fim, demonstra resultados de pesquisas

---

<sup>1</sup> SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. p. 119.

e estudos realizados por teólogos e estudiosos da Bíblia relacionados à lei em questão, com o objetivo de compreender o sentido teológico do texto.

Na segunda parte do trabalho será abordado o entendimento da lei a partir da cultura judaica, situando o texto dentro do contexto de suas leis dietéticas – *Kashrut*. Neste sentido, o capítulo apresenta um panorama do desenvolvimento da cultura judaica, apresentando sua história, leis, crenças, literatura e princípios envolvendo a lei em questão.

No terceiro capítulo pretende-se fazer uma análise do texto através das ciências da nutrição, levando-se em conta o entendimento judaico da lei, de não misturar alimentos preparados com carne e leite na mesma refeição. O objetivo é estabelecer relação entre nutrição e religião, entre alimento, fé e ciência. O capítulo apresenta os nutrientes existentes na composição da carne e do leite. Em seguida, apresenta estudos realizados em relação a estes nutrientes, relativos à sua interação alimentar e, por fim, apresenta resultados e conclusões estabelecidas e comprovadas pela nutrologia a partir de estudos da interação alimentar nutriente-nutriente, estabelecendo relações entre o preceito bíblico e a cultura judaica.

As regras alimentares estão contidas na “*Torá*” e imputam interdições, em princípio válidas, aplicáveis à época em que foram criadas. Mas, através dos séculos, estabelecem um traço de união entre judeus em qualquer lugar do planeta. Neste sentido, teologia e nutrição estão intrinsecamente ligados através do entendimento da cultura e relatos dos povos descritos na Bíblia.



## 1 ANÁLISE DO TEXTO: “não cozerás um cabritinho<sup>2</sup> no leite de sua mãe”

O texto em foco é mencionado três vezes na Bíblia, em diferentes contextos: Em Êxodo 23.19 ele é parte do chamado *Código da Aliança* (Êx 20.22-23.33), um dos mais antigos códigos legais de Israel; em Êxodo 34.26 ele é parte das prescrições do chamado *Código Cultural* (Êx 34.10-28) e, por fim, em Deuteronômio 14.21, ele está inserido na chamada *Lei Deuteronômica*, da época da monarquia tardia, que talvez tenha servido de base para a reforma josiânica (2 Rs 22.23). No original hebraico, as três versões têm exatamente a mesma formulação:

לֹא-תֵבֶשֶׂל יָדָי בְחֵלֶב אִמּוֹ

Neste capítulo, procura-se situar brevemente os textos no contexto histórico e literário em que estão inseridos. Em um segundo momento será realizada a interpretação dos textos propriamente dita, a partir da explicação das palavras e do sentido dos textos. Por fim, o capítulo apresentará uma análise levando em conta interpretações de estudiosos e teólogos na tentativa de esclarecer a finalidade e significado do preceito bíblico.

### 1.1 O texto no livro do Êxodo 23.14-19

Na primeira referência ao texto no livro do Êxodo, ele se encontra no *Código da Aliança*, mais exatamente, em Êxodo 23.19, no final de um bloco referente às festas de Israel. Na segunda ocasião (Êx 34.26), o texto é parte do chamado “decálogo cultural” (Ex 34.10-28), único texto da Bíblia que contém apenas prescrições culturais-religiosas.

Objetivo deste primeiro capítulo é apresentar, de forma sucinta, o texto em seu contexto literário e histórico. Transcrevemos inicialmente o contexto em que os dois textos sobre o tema aparecem no livro do Êxodo<sup>3</sup>, para depois abordá-los separadamente.

<b>Êxodo 23.14-19</b> <sup>14</sup> Três vezes no ano me celebrareis festa. <sup>15</sup> Guardarás a Festa dos Pães	<b>Êxodos 34.18-26</b> <sup>18</sup> Guardarás a Festa dos Pães Asmos; sete dias comerás pães asmos, como te
---	--

<sup>2</sup> Por vezes é utilizado o vocábulo “cabrito”, e, outras, “cabritinho”. A primeira forma é uma opção da autora; já a segunda aparece por vezes na transcrição direta do trecho bíblico.

<sup>3</sup> Será utilizada a BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

<p>Asmos; sete dias comerás pães asmos, como te ordenei, ao tempo apontado no mês de abibe, porque nele saíste do Egito; ninguém apareça de mãos vazias perante mim. <sup>16</sup> Guardarás a Festa da Segra, dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a Festa da Colheita, à saída do ano, quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho. <sup>17</sup> Três vezes no ano, todo homem aparecerá diante do SENHOR Deus.</p> <p><sup>18</sup> Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com pão levedado, nem ficará gordura da minha festa durante a noite até pela manhã. <sup>19</sup> As primícias dos frutos da tua terra trarás à Casa do SENHOR, teu Deus.</p> <p><b>Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe.</b></p>	<p>ordenei, no tempo indicado no mês de abibe; porque no mês de abibe saíste do Egito.</p> <p><sup>19</sup> Todo o que abre a madre é meu; também de todo o teu gado, sendo macho, o que abre a madre de vacas e de ovelhas. <sup>20</sup> O jumento, porém, que abrir a madre, resgatá-lo-ás com cordeiro; mas, se o não resgatares, será desnucado. Remirás todos os primogênitos de teus filhos. Ninguém aparecerá diante de mim de mãos vazias. <sup>21</sup> Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás, quer na aradura, quer na sega. <sup>22</sup> Também guardarás a Festa das Semanas, que é a das primícias da sega do trigo, e a Festa da Colheita no fim do ano. <sup>23</sup> Três vezes no ano, todo homem entre ti aparecerá perante o SENHOR Deus, Deus de Israel. <sup>24</sup> Porque lançarei fora as nações de diante de ti e alargarei o teu território; ninguém cobiçará a tua terra quando subires para comparecer na presença do SENHOR, teu Deus, três vezes no ano. <sup>25</sup> Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com pão levedado; nem ficará o sacrifício da Festa da Páscoa da noite para a manhã. <sup>26</sup> As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à Casa do SENHOR, teu Deus. <b>Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe.</b></p>
---	--

### 1.1.1 O contexto de Êxodo 23.19

Como se mostra acima, o livro do Êxodo faz duas referências ao texto em foco. A primeira se encontra em Êxodo 23.19, no contexto do chamado *Código da Aliança* (20.22-23.33). A designação desse trecho está fundamentada em Êxodo 24.7, onde se diz: “Tomou o livro da Aliança e o leu para o povo; e eles disseram: Tudo o que *lahweh* falou, nós o faremos e obedeceremos”.<sup>4</sup>

A perícopé inicia com instruções acerca dos altares e termina com um apêndice em que Deus promete a posse de terra a Israel. O texto de Êxodo 23.19 encontra-se inserido após a descrição de três festas (dos Pães Asmos, da Segra e da Colheita), colocado como apêndice do verso 19, que se refere às primícias dos frutos da terra que devem ser trazidos à casa de *lahweh*, o Deus de Israel. Sem uma conexão clara com o assunto anterior, introduz-se aqui a frase que será objeto de nosso estudo: “Não cozerás o cabrito no leite de sua própria mãe”.<sup>5</sup>

### 1.1.2 Análise histórica

A pesquisa bíblica nem sempre é unânime em relação à datação do êxodo. Mas de acordo com as tradições bíblicas, ele acontece no período do Império Egípcio, ou seja, na Idade do Bronze recente. Não se tem certeza sobre o período exato em que ele aconteceu nem sob qual faraó. No entanto, podemos considerar como aceitável uma data próxima ao século treze.<sup>6</sup>

Merrill relata que Amósis, após expulsar os hicsos, fundou no Egito a décima oitava dinastia. Assinala que provavelmente ele seja o novo rei que não conhecia José (Êx 1.8). Amósis ou seu sucessor, Amenotepe I, começou uma política repressiva, incluindo a submissão dos hebreus a trabalhos forçados (Êx 1.11-14). Posteriormente, Amenotepe ou, mais provavelmente, Tutmoses I, implantou um

<sup>4</sup> ANDINÄCH, Pablo R. *O Livro do êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 281.

<sup>5</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 23.

<sup>6</sup> BRIGHT, John; *História de Israel*. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 159.

decreto segundo o qual todo filho de hebreus do sexo masculino deveria ser morto (Êx 1.15.16).<sup>7</sup>

Êxodo 1.11 declara que os hebreus foram forçados a trabalhos pesados na construção de Pitom e Ramsés. Assim descreve o historiador Flávio Josefo:

Como os egípcios são naturalmente preguiçosos e voluptuosos e só pensam no que lhes pode proporcionar prazer e proveito, eles olhavam com inveja a prosperidade dos hebreus e as riquezas que estes conquistavam com o trabalho. Conceberam mesmo certo temor pelo aumento do número deles. Tendo o tempo apagado a memória das obrigações que todo o Egito devia a José e tendo o reino passado a outra família, eles começaram a maltratar os israelitas e a oprimi-los com trabalhos.<sup>8</sup>

Amenotepe foi sucedido por Tutmoses I, um plebeu que casou com sua irmã. Após sua morte, Tutmoses II assumiu o poder, sendo substituído por Tutmoses III, que era menor de idade quando assumiu o poder. Provavelmente nesta época o jovem Moisés vivia no palácio. Depois de ter assassinado um egípcio, ele foi exilado, permanecendo quarenta anos entre os midianitas, descendentes de Abraão através de Quetura (Gn 25.1). Tutmoses III morreu e foi sucedido por seu filho, Amenotepe II.<sup>9</sup>

A Bíblia não relata o nome do faraó do êxodo. O termo *faraó* é derivado de um termo egípcio que tem o sentido de *casa grande* ou *elevada*. O termo, como designação do monarca, ocorre somente a partir da décima oitava dinastia, antes do reinado de Tutmoses III. A partir do seu surgimento, o termo é utilizado sem o nome próprio. Mas a indicação de escravos israelitas na construção das cidades-celeiros de Pitom e Ramassés remete o período do êxodo para o tempo do reinado de Ramsés II, o maior faraó da décima nona dinastia do Egito.<sup>10</sup>

Os relatos bíblicos indicam que os filhos de Jacó migraram ao Egito em busca de alimento. Lá permaneceram por longo tempo, foram escravos no Egito e de lá foram libertados pelo poder de Deus de maneira incomum. Os hebreus, na busca pela liberdade, foram encurralados entre o mar e o exército egípcio, quando um vento forte fez recuar as águas, permitindo que eles atravessassem

<sup>7</sup> MERRILL, H. Eugene. *História de Israel no Antigo Testamento: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 51.

<sup>8</sup> JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém, Obra Completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 137.

<sup>9</sup> MERRILL, 2006, p. 55.

<sup>10</sup> LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 37.

(Êx14.21,27). A tropa egípcia não conseguiu alcançar os hebreus, pois as águas voltaram e todos foram consumidos pelo mar.<sup>11</sup>

Após a libertação, o povo, liderado por Moisés, começou a peregrinação pelo deserto em direção ao monte Sinai (ou Horeb). Mesmo que não se tenha certeza da localização do Sinai, foi lá que Israel recebeu a lei e se firmou a aliança, transformando-o em um povo.<sup>12</sup>

### 1.1.2.1 Contexto social

Os antepassados de Israel provavelmente chegaram ao Egito em caravanas formadas por pastores seminômades. Na região, quando cessava o período de chuvas, podia suceder um período de fome geral, forçando o povo a migrar para o vale do Nilo durante a época de seca.<sup>13</sup>

De acordo com Bright, a população do Êxodo era formada por um “grupo misto” (Êx 12.38; Nm 11.4). Nem todos eram descendentes de Jacó. Este povo provavelmente era composto de escravos fugitivos, talvez *hapirus* ou egípcios (Lv 24,10), além da mistura de midianitas, pois o sogro de Moisés era midianita.<sup>14</sup>

A designação *hapiru* refere-se a pessoas de diferentes origens, inconstantes, de baixo nível econômico, às vezes fora-da-lei, que para conseguir proteção e segurança submetiam-se a uma situação de dependência ou viviam como ladrões e assaltantes.<sup>15</sup>

### 1.1.2.2 Ambiente social

Observe-se que o Código da Aliança faz referências à posse de gado, cisternas, campos de trigo e plantação de vinha. Pode-se concluir, portanto, que não eram nômades. Entretanto, a ausência de transações comerciais determina um período anterior à monarquia.<sup>16</sup>

<sup>11</sup> BRIGHT, 2003, p. 157.

<sup>12</sup> BRIGHT, 2003, p. 159.

<sup>13</sup> METZGER, Martin. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, v. 2, 1972. p. 24.

<sup>14</sup> BRIGHT, 2003, p. 171.

<sup>15</sup> DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 1, 1997. p. 81.

<sup>16</sup> MCKENZIE, Jonh L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983. p. 492.

### 1.1.3 Geografia

O Sinai é uma península montanhosa, localizada entre os golfos de Suez e Ácaba. Foi neste local que, segundo o livro de Êxodo, Deus se revelou a Moisés, os israelitas ficaram acampados por longo período e Deus entregou a lei aos filhos de Israel. Na Bíblia, o monte é conhecido como Sinai, Horebe ou Monte de Deus. De forma triangular, o monte tem seus vértices superiores apoiados na África e Ásia. Ácaba fica ao leste do Sinai. Com vegetação escassa, solo árido e raros oásis, a sobrevivência humana no Sinai torna-se difícil. Todavia, em alguns locais podem ser encontrados verdes vales originários da neve que desce de picos montanhosos.<sup>17</sup>

A localização do Sinai é duvidosa. De acordo com a tradição cristã do século IV d.C (cerca de 1.500 anos depois de Moisés), o monte é o *Gebel Musa*, perto de onde está localizado o mosteiro de Santa Catarina. No entanto, para Eusébio de Cesareia, o monte está situado no país de Midian, com o nome de Horeb. Outro lugar apontado por uma tradição documentada a partir do séc. VI identifica o monte Sinai cinco quilômetros mais ao norte, no *Gebel Serbal*. Outros testemunhos indicam a região da Arábia setentrional, onde a presença de vulcões torna plausível a descrição da teofania descrita em Êxodo. Nos escritos de Paulo, o Sinai é colocado na região da Arábia (Gl 4.5).<sup>18</sup>

### 1.1.4 Análise literária

O livro de Êxodo descreve a história Israel como nação da aliança. O nome hebraico do livro provém de suas palavras iniciais: E estes são os nomes (Êx 1.1). Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, o livro recebeu o nome de Êxodo, termo grego que significa *saída* e é origem do termo *Êxodus* da Vulgata.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> ANDRADE, Claudionor de. *Geografia Bíblica: A geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 134.

<sup>18</sup> PEREGO, Giacomo. *Atlas bíblico interdisciplinar: escritura, geografia, arqueologia, teologia*. Aparecida: Editora Santuário: São Paulo: Paulus, 2001. p. 24.

<sup>19</sup> ARCHER Jr, Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 259.

#### 1.1.4.1 Estrutura

- I. Israel no Egito (1.1 – 11.10)
- II. O Êxodo até o Sinai (12.1 - 18.27)
- III. Aliança e lei (19.1 – 31.18)
- IV. Rebelião e Renovação (32.1 - 40.38)<sup>20</sup>

##### 1.1.4.1.1 O Código da Aliança

Na estrutura do livro do Êxodo, o chamado Código da Aliança encontra-se na terceira divisão do livro, referente à “Aliança e Lei”. É o código legal mais antigo do Antigo Testamento, portanto, anterior ao livro de Deuteronômio. De acordo com os relatos bíblicos, ele foi dado diretamente por Deus ao povo de Israel através de Moisés no Monte Sinai.<sup>21</sup>

A aliança era um pacto ritual e solene que tinha o mesmo valor que um contrato escrito. As partes contraentes eram unidas através de um acordo ritual que apresentava ameaças contra a parte que quebrasse o pacto. Na aliança, lahweh promete ser o Deus de Israel e, em troca, determina que Israel o obedeça e impõe certos deveres. Se Israel não cumprir as normas estabelecidas, lahweh deixa de cumprir sua parte no pacto.<sup>22</sup>

No cenário do Sinai, Deus estabelece uma aliança com Israel como povo (Êx 19.1-8). Após a preparação ritual do povo, lahweh mostra-se em meio a trovões, relâmpagos e espessa nuvem, e revela-se como rei de Israel, impondo-lhe obrigações da aliança firmada. As leis estabelecidas no livro de Êxodo depois desse episódio são chamadas de “Código da Aliança”. Êxodo 24 relata dois rituais da aliança: O ritual do sangue, no qual o sangue dos animais oferecidos em sacrifício é borrifado no altar, representando lahweh, e sobre o povo. Ao realizar este ritual, simbolicamente as partes contraentes tornam-se um só sangue, uma só família (Êx 24.3-8). O segundo rito realizado para firmar o pacto é o banquete ritual, em que participam, juntamente com lahweh, Moisés, Aarão e seus filhos, além de setenta

<sup>20</sup> COLE, R. Alan. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, Série Cultura Bíblica, 2008. p. 50.

<sup>21</sup> CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 160.

<sup>22</sup> MCKENZIE, 1983, p. 22.

anciãos de Israel (representando o povo). Este banquete representa a união da aliança.<sup>23</sup>

#### 1.1.4.2 Gênero Literário

O livro do Êxodo apresenta diferentes tipos de literatura, dentre eles, narrativas, lei e poesia. Nesta parte será analisado apenas o gênero relativo ao texto e contexto em estudo.

O Código da Aliança apresenta diferentes formas jurídicas em sua composição: frases casuísticas, frases proibitivas, mandamentos, sentenças condicionais elocutivas, formulações participiais e a particular fórmula do talião.<sup>24</sup>

As leis israelitas são encontradas em coleções denominadas “códigos”. Crüsemann cita o trabalho de Halber, que conseguiu demonstrar a estrutura geral do texto do Código da Aliança de uma forma circular. No centro da composição, o autor estabeleceu o texto de Êxodo 22.19 “quem sacrificar aos deuses e não unicamente a Yhwh será condenado ao extermínio”. Depois de separados por blocos, o autor desenhou a estrutura dos textos, separados de acordo com o tema: Os textos relacionados à pena de morte (Êx 22.20-23.9); o direito do estrangeiro (Êx 22.20 e 23.9); direito dos escravos (Êx 21.2-11); o sábado e o ano sabático (23.10-12) e, por fim, o autor relacionou as determinações cultuais (Êx 20.22-26 e 23.13-19), quer dizer, as lei referentes ao altar e às leis sobre sacrifícios.<sup>25</sup>

A prescrição de “não cozinhar o cabrito no leite de sua mãe”, de acordo com Halber, está contida nas determinações relacionadas ao culto e ao sacrifício. Além disso, o autor coloca que o texto de Êxodo 34, é mais antigo em relação aos paralelos no Código da Aliança, podendo ser considerado umas das fontes básicas para o Código da Aliança, sobretudo a estrutura do calendário de festas, que de acordo com Halber só pode ser explicado através de uma dependência de Êxodo 34 em relação ao Código da Aliança.<sup>26</sup> Sicre a coloca entre as prescrições cultuais (Ex 23.14-19).<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> McKENZIE, 1983, p. 22.

<sup>24</sup> CRÜSEMANN, 2012, p. 160.

<sup>25</sup> CRÜSEMANN, 2012, p. 164.

<sup>26</sup> CRÜSEMANN, 2012, p. 166

<sup>27</sup> SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 125.

#### 1.1.4.2.1 A Lei No Contexto do Livro de Êxodo

Dentre os gêneros literários encontrados no Código da Aliança, Código Cultural e Deuteronômio, destacam-se as leis. O Código de Hamurabi foi a primeira coleção de leis descoberta que possui analogia com a lei bíblica do Antigo Oriente Médio. A descoberta aconteceu em 1902. Após, foram encontradas outras coleções de leis: a suméria de *Lipit-Ishtar*, a acádia de *Eshnunna*, a assíria, hitita, e algumas neobabilônicas, todas mais antigas que as leis israelitas.<sup>28</sup>

Em geral, as leis originam-se na família, no clã ou na tribo. Muitas vezes os povos as copiam de sociedades vizinhas. Uma norma aplicada pela primeira vez pode gerar jurisprudência para outra. Ao passar de povo seminômade a agricultores, os israelitas tiveram que criar normas adequadas ao novo cenário cultural em que estavam vivendo.<sup>29</sup>

No Código da Aliança, encontram-se formulações denominadas *apodíticas* e *casuísticas*. Esta última é observada nas leis civis ou criminais. A formulação casuística caracteriza-se por empregar o particípio, em vez da oração condicional, tais como as leis relacionadas à ofensa e à penalidade ou castigo. “Quem ferir o pai ou mãe será morto” (Êx 21.15).<sup>30</sup>

As formulações “apodíticas” foram construídas através da criação e da crença religiosa israelita. Elas contêm frases no imperativo ou proibição expressa na segunda pessoa do singular e no imperfeito, usando-se esporadicamente a segunda pessoa do plural. Não apresenta legislação paralela em outras coleções do antigo Oriente Médio. É utilizada em leis morais e rituais-cultuais. Revelam a vontade revelada de Iahweh e os termos da aliança firmada com ele.<sup>31</sup>

A legislação “apodítica” pode ser classificada em apodíticas proibitivas e apodíticas imperativas. As primeiras usam em sua formulação a primeira pessoa do singular (Não matarás, não furtarás) e são breves. Após são acrescentadas algumas motivações (Êx 22.20), ou ameaças (Êx 22.21-23). A segunda utiliza também a segunda pessoa do singular. No entanto, acrescenta no início explicações, motivos, etc. (Êx 22.29).<sup>32</sup>

<sup>28</sup> McKENZIE, 1983, p. 491.

<sup>29</sup> SICRE, 1994, p. 144.

<sup>30</sup> McKENZIE, 1983, p. 492

<sup>31</sup> McKENZIE, 1983, p. 494.

<sup>32</sup> SICRE, 1994, p. 116.

## 1.2 O texto de Êxodo 34.26

Aqui a lei de não cozer o cabrito no leite da mãe faz parte do chamado *decálogo cultural* (Êx 34.10-28). É o único texto da Bíblia que contém apenas prescrições cultural-religiosas.

Este código refere-se à proibição do culto de outras divindades, leis relacionadas a sacrifícios e calendários litúrgicos. A maior parte de suas prescrições é semelhante a outras encontradas no livro do Pentateuco. Ela é considerada tão antiga quanto o Código da Aliança. Nela são encontradas algumas das práticas culturais mais antigas de Israel. Para melhor compreensão, visualização e síntese, nesta parte o texto será apresentado a partir do verso 21.

21. Seis dias trabalharás; mas no sétimo descansarás, quer na aradura, quer na colheita.
22. Guardarás a festa das Semanas: as primícias da colheita do trigo e a festa da colheita na passagem de ano.
23. Três vezes por ano todo o homem do teu meio aparecerá perante o Senhor Iahweh Deus de Israel.
24. Porque expulsarei as nações de diante de ti, e alargarei o teu território; ninguém cobiçará a tua terra, quando subires para comparecer a presença de Iahweh teu Deus, três vezes por ano.
25. Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com pão levedado. Não ficará a vítima da Páscoa da noite para a manhã.
26. Trarás o melhor das primícias para a Casa de Iahweh teu Deus. **Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe.**
27. Disse ainda Iahweh a Moisés: “Escreve estas palavras; porque segundo o teor destas palavras fiz aliança contigo e com Israel”.
28. Moisés esteve ali com Iahweh quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. Ele escreveu nas tábuas as palavras da aliança, as dez palavras. (Êx 34.21-28).<sup>33</sup>

### 1.2.1 Delimitação do Texto

A perícopete referente ao código cultural inicia com as palavras de Javé firmando uma nova aliança com o povo. “Iahweh Ihe disse: Eis que vou fazer uma aliança diante de ti e todo o teu povo. Farei maravilhas que nunca se fizeram em

<sup>33</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 153.

toda a terra nem entre nação alguma, e todo o povo, em cujo meio tu estás, verá a obra de Javé, pois serão tremendas as coisas que farei contigo” (Êx 34.10). E termina com um comentário a respeito do tempo em que Moisés permaneceu na montanha do Sinai e seu compromisso com lahweh na reconstrução da aliança..

O texto de Êxodo 34.26 encontra-se após as informações a respeito das festas anuais e das primícias dos primeiros frutos da terra. “Trarás o melhor das primícias para a Casa de lahweh teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe” (Êx 34.26).

### 1.2.2 Análise histórica

A Bíblia relata que após o incidente com o bezerro de ouro (Êx 32), Moisés quebra as tábuas da lei (Êx 32.15-16.19). No entanto, suplica pelo povo e consegue o perdão divino. Para reafirmar a reconciliação feita entre Deus e o povo, lahweh diz a Moisés: “Lavra duas tábuas de pedra, semelhantes às primeiras, e eu escreverei sobre as tábuas as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas, que quebraste” (Êx 34.1).<sup>34</sup>

As três festas anuais em que está inserido o texto de “Não cozinhar o cabrito junto com o leite de sua mãe”, estão relacionadas com o ciclo da agricultura. O calendário do culto em Israel era elaborado com base no trabalho agrícola. Sua fé tinha estreita relação com a provisão de alimentos e a proteção de lahweh expressa através da manutenção dos ciclos da natureza. A festa dos pães ázimos tem sua data estabelecida levando-se em conta a saída do Egito (13.4,6-8), no mês de Abibe. Nas três festas não está estabelecido um dia em particular. No entanto, começa na colheita da cevada na primavera. A *festa da sega* ou *festa das semanas* como é conhecida, está relacionada a todos os frutos silvestres e aos cultivados na terra. A última festa relacionada, denominada de *festa da colheita*, *festa das tendas* ou *tabernáculos* celebra a conclusão da colheita, o que acontece no fim do verão.<sup>35</sup>

A Páscoa era celebrada junto com a Festa dos Pães Asmos (Êx 12.1-20; Lv 23.5-8; Dt 16.1-8). A Festa das Colheitas comemora-se no mês de Abril e a Festa

<sup>34</sup> SKA. *Introdução à Leitura do Pentateuco: Chaves para a Interpretação dos Primeiros Cinco Livros da Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 66.

<sup>35</sup> ANDINÄCH, 2010, p. 308.

dos Tabernáculos iniciava no décimo-quinto dia do mês (etanim corresponde ao mês de outubro).<sup>36</sup>

A prática dessas festas é obrigação de todo homem, que precisa se apresentar diante de Deus, ou seja, ir ao santuário ou altar mais próximo. Adinãch acrescenta que as duas leis (Êx 23.18-19) acrescentadas após as recomendações referentes às três festas estão relacionadas às oferendas e ritos e não ao calendário litúrgico.

O texto encontra-se repetido em dois contextos diferentes de Êxodo, exatamente na parte relacionada às festas anuais. Andinãch relata que a repetição existente em parte de Êx 23.14-19 e Êx 34.18-19 se dá devido à existência de dupla redação. A necessidade de renovar a aliança após o episódio do bezerro de ouro favoreceu a repetição dos textos, como um lembrete da aliança anterior. O texto combina a festa dos ázimos com a consagração dos primogênitos (13.1-10). Os versos 25-26 reproduzem o que foi dito anteriormente em 23.18.19, concluindo com o interdito de não misturar o sangue do sacrifício com o pão levedado e de cozinhar o cabrito no leite de sua mãe<sup>37</sup>

“As primícias dos frutos”(Êx 23.19; Êx 34.26), dizem respeito ao “primeiro fruto”. As primícias eram ofertas variadas oferecidas aos sacerdotes, que representavam o povo. Uma parte era sacrificada e outra era usada pelos sacerdotes que não produziam alimentos para si mesmos.<sup>38</sup>

### 1.3 O texto no livro de Deuteronômio 14.21

O texto faz parte da perícopes de Deuteronômio 14.3-21, que aborda a pureza e impureza dos animais, tendo em comum o tema da alimentação. A perícopes inicia lembrando que Israel é o povo santo (Dt 14.1-2), separado por Deus, e por esta razão deve obedecer a certos princípios, que os tornam distintos de outros povos. O verso 21 faz referência à proibição de comer carne de animais mortos naturalmente, podendo-se vendê-la ou dá-la ao estrangeiro. Ao final o povo é

<sup>36</sup> COHEN, Armando Chaves. *Comentário do Antigo Testamento. Comentário Bíblico: Êxodo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998. p. 74.

<sup>37</sup> ANDINÁCH, 2010, p. 378.

<sup>38</sup> CHAMPLIN, Norman Russel. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*: 2. ed. São Paulo: Hagnos, v. 6, 2001. p. 5062.

lembrado novamente de que é santo.<sup>39</sup> A expressão “Não cozerás um cabritinho no leite de sua mãe”, é introduzida logo após uma aparente conclusão do versículo 21 a, da palavra no hebraico (אֲדָ), traduzida pelas conjunções: “porque, pois, que”, indicando causa. “Não podereis comer nenhum animal que tenha morrido por si. Tu o darás ao forasteiro que vive em tua cidade para que ele o coma, ou vendê-lo-ás a um estrangeiro. Porque tu és povo consagrado a lahweh teu Deus. Não cozerás um cabritinho no leite de sua mãe”.

A limitação do estudo a esta frase deve-se ao fato da mesma não considerar o cabrito impuro, como faz com os animais descritos anteriormente, mas adverte quanto ao fato de cozinhá-lo, não em qualquer leite: a ação é limitada ao leite da própria mãe. A perícopes posterior (14.22-19) aborda o tema do dízimo, no sentido de solidariedade para com o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva. O texto será apresentado a partir do verso 9, como descrito abaixo::

09. De tudo quanto vive na água podereis comer o seguinte: de todos os que tem barbatanas e escamas podereis comer.
10. Não comereis, porém, de todo o que não tiver barbatanas: vós o considerareis impuro.
11. Podereis comer toda ave pura.
12. Dentre elas, eis o que não podereis comer: o abutre, o gipaeto, o xofrango;
13. o milhafre negro, as diversas espécies de milhafre vermelho,
14. todas as espécies de corvo,
15. o avestruz, a coruja, a gaivota e as diversas espécies de gavião,
16. o mocho, o íbis, o grão-duque
17. o pelicano, o abutre branco, o alcatraz,
18. a cegonha, as diversas espécies de garça, a poupa, o morcego.
19. Considerareis impuros todos os bichos que voam. Deles não comereis.
20. Podereis comer todas as aves puras.
21. Não podereis comer de nenhum animal que tenha morrido por si. Tu o darás ao forasteiro que vive em tua cidade para que ele o coma, ou vendê-lo-ás a um estrangeiro. Porque tu és um povo consagrado a lahweh teu Deus. **Não cozerás um cabritinho no leite de sua mãe.** (Êx 14.9-21).<sup>40</sup>

### 1.3.1 Análise histórica

A história do povo de Israel revela que após os quarenta anos de peregrinação do povo pelo deserto, houve urgência por parte de Moisés em renovar a aliança feita no monte Sinai, antes da entrada do povo na terra prometida. Dentre

<sup>39</sup> CARSON, D. A.; FRANCE. R. T.; MOTYER J.A.; WENHAM G. J. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 328.

<sup>40</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 276. (grifo meu).

estas leis que foram lembradas, foi incluído o texto em estudo (Dt 14.21b), já descrito duas vezes no livro de Êxodo. A análise procura entender o contexto histórico em que o livro foi escrito.

### 1.3.1.1 Análise do contexto histórico

Israel, liderado por Moisés, encontrava-se nas planícies de Moabe. O povo acampou temporariamente à espera de adentrar e conquistar a terra de Canaã. O povo iria enfrentar uma nova fase em suas vidas. Viveriam em uma terra em cidades que não construíram, comeriam coisas que não produziram e vinhas que não plantaram (Dt 6.10,11; 19.1). Certamente as leis teriam que ser modificadas, a fim de ajustá-los à nova vida. Além disso, a geração adulta fora impedida de entrar na terra (Nm 14.32; Dt 2.14-15). A nova geração teria que renovar a aliança feita no Sinai.<sup>41</sup>

De acordo com Lasor, o livro de Deuteronômio foi importante em três momentos da história de Israel: A primeira foi nas planícies de Moabe, enquanto o povo aguardava a travessia do rio Jordão, sem a liderança de Moisés. Nos discursos de Moisés, o povo foi advertido contra influências pagãs. O segundo momento foi o período posterior à monarquia, quando as tradições descritas no livro influenciaram a reforma de Josias iniciadas em 621 a.C. Por fim, para os judeus, no retorno a Palestina, Deuteronômio serviu como guia para comunidade sem reis nem príncipes. O livro recordava seu passado, presente e futuro, mantendo viva a memória e a esperança do povo israelita.<sup>42</sup>

Findo o reinado de Manassés, vassalo da Assíria, Josias (639-609 a.C.), assumiu o poder e conseguiu reconquistar a autonomia política, o que possibilitou a reforma em que provavelmente foi introduzido o livro de Deuteronômio, como um tipo de lei estatal.<sup>43</sup>

Josias destruiu os espaços ocupados pela religião cananeia e centralizou o culto em Jerusalém. Proibiu o culto instituído por Manassés e Amom. A Páscoa foi

---

<sup>41</sup> MERRILL, 2006, p. 379.

<sup>42</sup> LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A.; BUSH, BUSH, Frederic, W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 128.

<sup>43</sup> SCHMIDT, 1994, p. 31.

reintroduzida. Os rituais de fogo de Moloque foram extintos. Após o término da reforma religiosa, Josias dedicou-se aos reparos do templo (2 Rs 22.3). Com a descoberta do “Livro da Lei”, o rei iniciou outra reforma religiosa, desta vez apoiado pelos sacerdotes, profetas e oficiais do governo, reforma esta baseada no livro.<sup>44</sup>

### 1.3.1.2 Análise do ambiente social

O povo era nômade, peregrino, e estava habitando temporariamente na planície de Moabe, cujo rei era Balaque. Este contratou um adivinhador chamado Balaão que deveria proferir maldições contra Israel. Impedido de amaldiçoar os israelitas, Balaão os levou a cultuar Baal e à prática de imoralidade sexual com mulheres moabitas. Talvez seja este o motivo pelo qual Moisés repetiu a lei à nova geração antes da conquista da terra prometida.<sup>45</sup>

Josefo narra a este respeito que o profeta Balaão, após ser impedido por Deus de profetizar coisas ruins aos israelitas, foi ter com o rei e os príncipes dos midianitas, aos quais disse: se quiseres triunfar diante de Israel, não esperem que nenhum desastre, castigo, ou doença os atormente, pois eles estão sob a proteção de Deus. Antes mandai ao acampamento deles as mais belas jovens, para que possam atrair os mais jovens e corajosos dentre o povo. Quando estiverem ardendo de paixão por elas, que finjam não poder mais ficar, a menos que eles “prometam solenemente renunciar às leis de seu país e o culto ao seu Deus para adorar os deuses dos midianitas e dos moabitas..”<sup>46</sup>

### 1.3.1.3 Análise geográfica

As planícies de Moabe ficavam a leste do rio Jordão e Jericó. O povo aguardava para atravessar o rio em direção à terra prometida.

O rio Jordão possui três nascentes: Banias, Dan e Hasbani. As fontes localizam-se na Síria, começando a descer do cume do monte Hermon, indo desaguar no Mar Morto. Daí origina-se seu nome Jordão, em hebraico, *declive*. Considerado pequeno, possui 252 quilômetros de extensão. Um dos trechos do rio,

<sup>44</sup> HARRISON, R. K. *Tempos do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 428.

<sup>45</sup> LAWRENCE, 2008, p. 43.

<sup>46</sup> JOSEFO, 2013, p. 210.

do mar da Galileia até o mar Morto, possui uma distancia de 117 quilômetros em linha reta, com largura entre 25 e 35 metros, e um a quatro metros de profundidade. Na altura de Jericó, a planície chega a alargar 25 quilômetros. Neste trecho, o vale possui em toda sua extensão muralhas de rocha calcária, dificultando o acesso. No entanto, a travessia poderia ser feita em certos lugares de águas rasa, denominados vaus. Um desses vaus ficava em frente à cidade de Jericó.<sup>47</sup>

Lawrence narra que as planícies de Moabe eram também chamadas de Sitim. Moisés subiu no monte Nebo, defronte de Jericó, a fim de ver Canaã, a terra prometida (Dt 34.1-6).<sup>48</sup> O monte Nebo, também chamado monte Pisga, localiza-se a leste da foz do rio Jordão, com 800 metros de altura. Alguns autores acreditam existir dois montes: o Pisga e o Nebo.<sup>49</sup>

#### 1.3.1.4 Análise literária

“Eis os discursos que pronunciou Moisés a todo o Israel...”, este é o título do livro no original hebraico. É o ultimo livro do Pentateuco, considerado, literalmente, um discurso de despedida de Moisés.<sup>50</sup>

Este livro é chamado de “Deuteronômio” (“segunda lei” ou “repetição da lei”), devido ao título que se encontra na Septuaginta. Este título surge a partir da tradução errônea de uma frase hebraica em Deuteronômio 17.18: o rei recebe a ordem de fazer “uma cópia desta lei”, mas a Septuaginta traduz: *deuteronomion touto*, “esta segunda lei”. Posteriormente, a Vulgata transliterou a palavra grega *Deuteronomium*. Os judeus o chamavam de ‘*Ileh haddevarin*, “estas são as palavras”, ou de forma abreviada *Devarim*, “palavras”, devido às palavras que iniciam o livro (Dt 1.1). Os judeus o conheciam também como “livro de admoestações”. O judaísmo intitula o livro de *Mishen Torah*, “cópia da lei”.<sup>51</sup>

O livro foi descrito em forma de sermões para o povo de Israel. No entanto, neste contexto Israel está prestes a esquecer-se de Iahweh e sua graça (Dt 6.10-12). Em Deuteronômio existe uma série de mandamentos que devem ser cumpridos.

<sup>47</sup> ANDRADE, 2010, p. 159.

<sup>48</sup> LAWRENCE, 2008, p. 43.

<sup>49</sup> ANDRADE, 2010, p. 133.

<sup>50</sup> LÓPES, Félix Garcia. *Comentário ao Antigo Testamento*. Comissão editorial Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador Garcia. São Paulo: Ave-Maria, 2002. p. 264.

<sup>51</sup> THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 12.

Contudo, o mandamento fundamental é o de amar a Iahweh “de todo o coração, de toda a alma e com toda a força” (Dt 6.4).<sup>52</sup>

A autoria do livro a Moisés é amplamente discutida. No período anterior à escola crítica, a tradição judaica e cristã atribuía a autoria do livro a Moisés. Um dos questionamentos é quanto à introdução do livro. Nela o livro afirma que as palavras nele contidas são as que Moisés proferiu ao povo de Israel “dalém do Jordão” (1.1), indicando que foi escrito por alguém no lado ocidental do Jordão, após a morte de Moisés, no lado leste do Jordão. Além disso, Moisés não poderia ter narrado sua própria morte (Dt 34). Apesar destas discussões, o livro foi aceito como obra de Moisés.<sup>53</sup>

De acordo com 2 Reis 22, durante o reinado do rei Josias (639-609), foi encontrado durante a reforma do templo um código de leis. Logo depois, foi realizada a reforma do culto (cap.23), confirmando a ideia central do livro de Deuteronômio: “a de um único lugar de culto”. Provavelmente o livro de Deuteronômio foi esse “código de leis”.<sup>54</sup> Rösel adverte que há evidências que confirmam que o relato descrito em 2 Reis 22-23 é composto de duas partes: a narrativa da descoberta do livro e a narração da celebração da aliança. No entanto, declara terem existido reformas que de fato aconteceram, incluindo a purificação do templo e a centralização do culto a YHWH, em Jerusalém. Isso pode confirmar que o livro de Deuteronômio talvez tenha servido de base para reforma josiânica.<sup>55</sup>

### 1.3.1.5 Gênero Literário

O gênero literário do livro de Deuteronômio é predominantemente o de pregação da lei. No entanto, o texto em estudo faz parte das chamadas leis apodíticas.<sup>56</sup>

O preceito ou proibição apodítico é formulado de maneira clara (“faze isto”, “Não faças aquilo”, “não cozinharás”), normalmente é descrito em séries (Êx 20.1-17;

<sup>52</sup> RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006. p. 222.

<sup>53</sup> DILLARD, Raymond B.; LONGMANN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

<sup>54</sup> RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. 8. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 19.

<sup>55</sup> RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: História, Contexto, Teologia*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 183.

<sup>56</sup> ECHEGARAY, Joaquín González. *O Crescente Fértil e a Bíblia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 245.

Lv 18.6-23). Muitos desses princípios eram regras de vida e comportamento que regulavam o bem viver da comunidade.<sup>57</sup>

#### 1.4 A repetição de leis no Antigo Testamento

Ska identifica e analisa paralelos entre o chamado “código da aliança”, “o decálogo cultual” e o “código deuteronomico”. Para ele, após Moisés quebrar as tábuas da lei, interceder pelo povo e confirmar a reconciliação, o lógico seria nos defrontarmos com o decálogo de Êxodo 34.11-26, mas isso não acontece. O decálogo apresentado limita-se a prescrições cultuais. No entanto, o autor demonstra a existência de paralelos entre Êxodo 34.11-26 e o final do “código da aliança” (Êx 23.10-19), além de muitos pontos comuns entre o “decálogo cultual” e a segunda parte do “código da aliança” e do “código deuteronomico”. Analisando os textos do ponto de vista literário, entende-se que os textos foram redigidos em épocas diferentes, em circunstâncias diferentes.<sup>58</sup>

Contudo, ao fazer análise do ponto de vista teológico, diferenças existentes entre as leis que se corrigem mutuamente, nos fazem pensar a respeito da autoridade divina da lei. “Em Israel somente Yahweh poderia mudar a lei, que emana dele e fora transmitida por Moisés”. Neste contexto, uma lei nova não exclui uma lei anterior.<sup>59</sup>

#### 1.5 Interpretação do texto

לֹא־תִבְשֹׁל גֹּדִי בְחֵלֶב אִמִּי:

Não cozerás um cabritinho no leite de sua mãe.

לֹא : Não, advérbio de negação.

תִּבְשֹׁל : Verbo PIEL imperfeito, segunda pessoa, masculino singular, cozerás, cozinharás, ferverás, assarás. No hebraico, o PIEL é utilizado para descrever uma ação enérgica. Seria um abate sem misericórdia.

<sup>57</sup> FRANCISCO, Clayde T. *Introdução ao Velho Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p. 59.

<sup>58</sup> SKA. 2003, p. 66.

<sup>59</sup> SKA. 2003, p. 67.

גִּדְרָא : nome comum masculino singular absoluto, filhote de ovelha, cabrito (a), ovelhinha.

בְּחֶלֶב : preposição בְּ , em, por, com. חֶלֶב : nome comum masculino singular construto, leite.

אִמּוֹ : Nome comum feminino singular construto com sufixo na terceira pessoa masculino singular, da mãe.

## 1.6 Leitura do aparato crítico

O aparato crítico notifica que o trecho לְאִתְּבַשֵּׁל גִּדְרָא בְּחֶלֶב אִמּוֹ sofreu acréscimos na versão Septuaginta, no Códice Ambrosiano, Coisliniano, Cursivos e Códice Freer. Eles adicionam a expressão grega ὅς γὰρ ποῦτο ωσεὶ θύει ἀσφάλακα μήνιμά (quem pois realiza este para servir de alimento revela ser indecoroso). Os Códices cursivos minúsculos da LXX adicionam (μιασμά) ἐστὶν τῷ Ἰακωβ (é ao Deus de Jacó impureza moral). Verifica-se que o acréscimo realizado em algumas versões da Septuaginta enfatiza a repugnância de quem pratica tal ato, ao mesmo tempo em que certifica que o Deus de Jacó o considera impuro.<sup>60</sup>

## 1.7 Análise das palavras

תְּבַשֵּׁל - **cozinharás, ferverás.**

O termo pode indicar qualquer tipo de cozimento: “assar, “tostar” ou “ferver”, A ARA traduz como “cozer”. No acadiano, no etíope e no árabe um verbo cognato tem o significado de “cozido”<sup>61</sup>

גִּדְרָא - **Cabrito.**

Era o animal mais consumido em Israel. Os machos eram apreciados como alimento e as fêmeas utilizadas na reprodução. A Bíblia revela que o cabrito servia de alimento: Gênesis 27.9,16; Juízes 6.19; 13.15; 15.1; 1 Samuel 10.3; 16.20. Também podia ser dado como presente (Gn 38.17,20,23).<sup>62</sup>

<sup>60</sup> O Aparato crítico refere-se ao livro de Deuteronômio 14.21. Êxodo 23.19 e 34.26 não contém variantes textuais.

<sup>61</sup> HARRIS, Laird R. JR. ARCHER, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 228.

<sup>62</sup> HARRIS, 1998, p. 246.

O cabrito valia o mesmo que uma prostituta (Gn 38.17), foi presente oferecido a um rei ( 1 Sm 16,20). Era proibido cozinhar o cabrito no leite de sua mãe (Ex 23.19; 34.26; Dt 14.21).<sup>63</sup>

O bode era considerado o “símbolo cósmico e psicológico de força vital e de fecundidade”. Considerado grande reprodutor, o animal foi associado a muitos “mitos cósmicos e religiosos, aos ritos de fertilidade e de fecundidade”. No antigo Egito, os escravos que trabalhavam no templo copulavam com bodes reais. Na Grécia, o bode simbolizava divindades relacionadas à fecundidade.<sup>64</sup> Talvez esta seja uma das razões da associação do cabrito no leite da mãe, como culto à deusa da fertilidade.

### **לָבַן, leite, iogurte, queijo.**

A palavra ocorre 44 vezes no TM. O leite utilizado pelos israelitas era proveniente da vaca, cabra e ovelha (Dt 32.14; Pv 27.27). O clima quente do deserto dificultava o uso do leite na forma líquida. O povo geralmente utilizava seus derivados em forma de manteiga, iogurte e coalhada. O odre de leite foi oferecido por Jael a Sísera em Juízes 4.19; 5.25. O leite fresco, sacudido e armazenado em odres de couro, com o tempo ficaria coalhado, devido à fermentação de bactérias. Ao ser espremido dentro de um pano, o leite azedo era transformado em queijo (Pv 30.33). Algumas vezes o leite é utilizado na Bíblia como expressões simbólicas ou metafóricas. Deus prometeu levar os israelitas para uma terra onde manava leite e mel (Êx 3.8-17).<sup>65</sup>

O leite de cabra e ovelha era muito utilizado no Antigo Israel. A água escassa e muitas vezes imprópria para o consumo levava os povos que viviam em regiões áridas ou semiáridas de Israel a utilizarem o leite em substituição à água. Nem sempre o leite era fresco. O leite coalhado era o mais utilizado (Gn 18.8; Jz 4,19; 5.25). A palavra leite é utilizada quatro vezes no Novo Testamento.<sup>66</sup>

O leite também foi utilizado como metáfora para descrever a terra de Canaã como terra que manava leite e mel (Êx 3.8). Ele pode ter sido citado como símbolo de prosperidade e abundância (Is 60.16).<sup>67</sup>

<sup>63</sup> McKENZIE, 1983, p. 116.

<sup>64</sup> GIRARD, Marc. *Os Símbolos Na Bíblia: Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 638.

<sup>65</sup> HARRIS, 1998, p. 463.

<sup>66</sup> McKENZIE, 1983, p. 497.

<sup>67</sup> DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. Ed. Ver. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 767.

## 1.8 Análise do texto na ótica de alguns teólogos e estudiosos da religião

O texto será analisado levando-se em conta os estudos realizados por teólogos e estudiosos da religião. O entendimento dos judeus contemporâneos e seus costumes relacionados ao texto serão tratados em capítulo à parte.

### 1.8.1 O Motivo para a criação do preceito na visão de teólogos

Thompson entende que o texto foi escrito contra um ritual cananeu existente na época, descrito em um poema ugarítico, de “cozinhar o cabrito no leite, e o cordeiro no creme”.<sup>68</sup>

Brown interpreta que esta lei descrita no final do Código da Aliança e no Decálogo Ritual é devido à hostilidade dos hebreus quanto ao costume cananeu de preparar cultos de fertilidade utilizando leite.<sup>69</sup>

Mayes acredita que o fundamento e a origem desta proibição são incertos. No período em que foi escrito o livro de Deuteronômio, a razão original já era desconhecida. A lei foi mantida apenas por respeito à tradição. Reconhece que seu contexto atual o reconhece como regra dietética. Entretanto, o livro de Êxodo traz um contexto voltado para o sacrifício, e o estudo do contexto original da lei deve ser voltado para aquela época. O autor faz referência ao texto ugarítico, ao sacrifício do leite praticado pelos povos nômades, ritual de fertilidade. Conclui sua avaliação reconhecendo que a interpretação da lei ainda é incerta, ressaltando que a proibição é específica para “o leite de sua mãe”.<sup>70</sup>

Buis entende que a lei é contra um ritual pagão relacionado à agricultura. Para ele, tanto o texto deve ser entendido da mesma forma tanto no Código da Aliança quanto no Decálogo ritual. Ele diz que o texto é simplesmente reproduzido sem comentários. Provavelmente foi escrito contra um ritual cananeu. Nas escrituras do texto ugarítico “Ferver um cabrito no leite, um cordeiro no creme”, representa

---

<sup>68</sup> THOMPSON, 2008, p. 172.

<sup>69</sup> BROWN, Raymond E. *Conoce La Biblia: Antiguo Testamento: Deuteronomio*. España: Editorial Sal Terrae, 1970. p. 90.

<sup>70</sup> MAYES, A. D. H. *The New Century Bible Commentary Deuteronomy*. England: Marshall, Morgan & Scott; U.S.A: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981. p. 243.

duas fertilidades maternas. Estes animais seriam oferecidos como refeição sacrificial a Asherah, deusa da fertilidade. Sua proibição seria estritamente religiosa.<sup>71</sup>

Mackintosh apresenta uma análise ecológica do texto. Para ele, a lei é de extrema importância, já que é citada três vezes na Bíblia e seu entendimento baseia-se no fato de que não deveremos ser contrários à natureza. O que serve para alimentação não pode ser usado para cozê-lo. Nenhuma ação humana contrária à natureza é aprovada por Deus.<sup>72</sup>

Champlin conclui que essa proibição foi criada devido a vários fatores: O primeiro diz respeito ao sacrifício cananeu que não deveria ser imitado por Israel. O segundo fator relaciona-se à crueldade do abate do animal sem misericórdia. O líquido precioso utilizado como alimento não deveria ser meio de destruição. O terceiro fator está relacionado à separação do povo de Israel e sua obediência a Yahweh. E por fim, o autor identifica o leite em que o cabrito era cozido como “líquido mágico”, capaz de trazer bênçãos da fertilidade à produção dada por outros deuses a quem o ofertasse através da aspersão do líquido em árvores e campos.<sup>73</sup>

Cole deduz que o texto se refere a um encantamento, sendo o preceito mais ritual que humanitário. O autor acredita que algo da tradição referente à lei deva ter permanecido, pois Maimônides, o erudito judeu da Idade Média, deduz que o rito esteja ligado à magia dos cultos de fertilidade. Para Cole, se tivéssemos mais conhecimento da religião canaanita, provavelmente haveria explicação para muitos tabus existentes na lei. Ele cita, por exemplo, que a proibição de comer carne de porco poderia ser ritual, em virtude da utilização do animal em sacrifícios.<sup>74</sup>

Carson denota que a lei originalmente poderia estar relacionada com a Festa da Colheita. Sua finalidade teria sido a de distinguir as celebrações israelitas das de seus vizinhos. Outra possibilidade da criação da lei seria a reflexão do “princípio de que aquilo que tem o propósito de dar vida não deve se tornar um instrumento de morte”.<sup>75</sup>

Um estudo atual foi apresentado por Crüsemann que faz referência a um costume alimentar do Antigo Oriente de misturar carne e leite na confecção de comidas. O teólogo cita O.Keel. Em suas pesquisas, ele faz alusão a um material

---

<sup>71</sup> BUIS, Pierre; LECLERCQ, Jacques. *Le Deutéronome*. Paris: J. Gabalda et Cie, 1963. p. 116.

<sup>72</sup> MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de deuteronomio*. 2 ed. Lisboa: Editorial Buenas Nuevas. Portugal, v. 2, 1979. p. 139.

<sup>73</sup> CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Palavras (Deuteronomio)*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 172.

<sup>74</sup> COLE, 2008, p. 174.

<sup>75</sup> CARSON, 2009, p. 176.

iconográfico, no qual está reproduzido o animal mãe com seu filho. Este material denota valor religioso. Além desse material, tais reproduções em amuletos e estampas foram encontradas em localidades israelitas do século X ao século VIII. No universo cananeu, essas representações são encontradas em grandes proporções. A tese de que Israel estaria rejeitando um costume cananeu, supostamente descrito no texto ugarítico (KTU 1.23.14), atualmente está obsoleta. O autor conclui que o contexto histórico-religioso dessa proibição deve ficar em aberto, enquanto não ficar claro se a força de determinadas deusas, expressa no nascimento de um animal-cria, era respeitada no contexto da época.<sup>76</sup>

Entretanto, o autor relaciona a proibição com o valor religioso da unidade da mãe-animal com sua cria, ligado à exigência divina. No contexto de Êxodo 34.18ss, a fé em Yahwh é formulada no campo de ação dos deuses e das deusas de Canaã. Na prescrição, a fé javista faz justiça às divindades expressas através da fertilidade dos animais. Se a regra foi descrita em relação ao sacrifício de primogênitos, a unidade entre mãe e filho se torna mais forte, em razão do leite materno ser produzido logo após o nascimento da cria.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> CRÜSEMANN, 2012, p. 200.

<sup>77</sup> CRÜSEMANN, 2012, p. 201.



## **2 O POVO JUDEU E SUAS LEIS DIETÉTICAS**

Este capítulo procura apresentar o entendimento judaico da prescrição em foco, relatada três vezes na Bíblia (Êx 23.19;34.26; Dt 14.21). De acordo com a cultura deste povo, a lei faz parte de suas normas dietéticas. Nesta parte procuraremos entender e definir este desenvolvimento cultural, partindo de sua história, origem, crenças, livros e princípios envolvendo a lei em questão.

Alimentação é necessidade básica para o ser humano, que para sobreviver aprendeu a caçar, plantar, colher e preparar seus alimentos. Com o passar dos anos, o ser humano aprendeu a separar o que era nocivo do que era benéfico à sua saúde e começou a criar normas gerais para a comunidade. A Bíblia relata que o pecado entrou no mundo através da comida. Caim, devido à inveja causada por um banquete mal preparado, matou seu irmão Abel. Jesus anunciou sua morte e ressurreição na última ceia. Israel, como povo separado por Deus, tem suas normas e leis dietéticas, descritas nas Sagradas Escrituras, incluindo o texto em estudo (“Não cozerás o cabritinho no leite de sua mãe”). O capítulo procura situar essa norma no contexto evolutivo da alimentação hebraica, levando em consideração a interpretação judaica da lei de não misturar o leite e a carne nas refeições.

### **2.1 O povo judeu**

A fim de entender o pensamento e comportamento judeu em relação à lei prescrita três vezes na Bíblia de “não cozer o cabrito no leite de sua mãe”, é necessário saber: quem é este povo? Como foi formado? Em que acreditam? Qual o fundamento de suas crenças e tradições? Procuraremos responder a esta pergunta em função da lei em estudo.

#### **2.1.1 Origem do povo**

Após o dilúvio, Noé e seus três filhos, Jafé, Cam e Sem povoaram a terra. De acordo com o historiador Flávio Josefo, o povo hebreu é descendente de Sem, pai de Alfaxade, pai de Salá, e Salá, pai de Éber, de onde veio o nome hebreu. Éber foi

pai de Pelegue, Pelegue pai de Réu, Réu pai de Serugue, Serugue pai de Naor, Naor pai de Tera, Tera pai de Abraão, considerado patriarca do povo judeu.<sup>78</sup>

A Bíblia relata que Abraão saiu de Ur, da Caldéia, cerca de 1800 a.C., atendendo ao pedido de “lahweh que lhe disse: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei (Gn 12.1). E assim, o patriarca saiu em busca da terra prometida. Depois de estabelecer-se temporariamente na terra, os descendentes do patriarca passaram pela servidão no Egito, foram conduzidos através do deserto por Moisés, até chegar à terra de Canaã. Durante a travessia no deserto, comiam maná (Ex 16.35). Na terra prometida, a alimentação era baseada em frutos e leguminosas. Possuíam rebanhos, e seus utensílios, enquanto povo nômade, eram basicamente a tenda e o tapete. Após o contato com os povos egípcios, começaram a utilizar utensílios de barro e de bronze. Três séculos após o êxodo, o povo de Israel foi governado pelo rei Davi, que após sua morte foi sucedido por seu filho Salomão. O reino de Israel, após a morte de Salomão, dividiu-se e ficou enfraquecido, espalhando-se pela bacia do Mediterrâneo e pela Mesopotâmia por efeito de deportações e migrações voluntárias. Contudo, procurou preservar sua tradições e permanecer fiel às leis mosaicas.<sup>79</sup>

### 2.1.2 A evolução do povo judaico e suas leis

A nação, que na época de Davi e Salomão era formada por doze tribos, ficou dividida em dois reinos após o governo deste último: O Reino do Norte (Samaria), formado por dez tribos e o Reino do Sul (Judeia), composto pelas duas tribos restantes. O Reino do Norte foi destruído pelo povo assírio em 722 a.e.c. O Reino do Sul, por sua vez, foi aniquilado pelos babilônios em 586 a.e.c. Os babilônios, após a conquista, destruíram o templo de Jerusalém e levaram as camadas liderantes do povo para o exílio na Babilônia. Com a derrota dos babilônicos pelos persas, passados setenta anos, parte dos deportados decidiu permanecer na Babilônia, dando início à diáspora judaica. Os judeus que voltaram a habitar Israel ajudaram a reconstruir o país e o templo. Posteriormente, Israel esteve submetido ao domínio de Alexandre Magno e seus sucessores (ptolomeus e selêucidas). Durante o domínio

---

<sup>78</sup> JOSEFO, 2013, p. 88.

<sup>79</sup> ORNELLAS, Lieselotte Hoeschl. *A alimentação através dos tempos*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p. 28.

selêucida, Israel voltou a ter um século de autonomia política com a dinastia dos asmoneus. Após este período, os romanos subjogaram o povo israelita. No final da primeira revolta judaica (66-70), Jerusalém e seu templo (construído durante o tempo de Herodes Magno) foram destruídos.<sup>80</sup> Assim sendo, a cultura judaica, suas crenças e tradições não ficaram estáticas. Elas foram sendo modificadas e as populações dispersas sofreram influências da cultura de outros povos, passando a apresentar diferenças na forma de pensar e agir.

Neste período de tempo, a tradição bíblica foi se consolidando, passando por diversas interpretações e reinterpretações. No tempo em que o rei Herodes governava (37-4 a.e.c), Israel possuía duas escolas rabínicas, representadas pelos discípulos de Hillel e Shamaí. Seus seguidores discordavam entre si a respeito de muitas questões relacionadas à lei judaica. Tempos mais tarde, estudiosos como o Rabi Akiva (40-135) e o Rabi Yishmael (século II), deram continuidade aos estudos iniciados por Hillel e Shamaí. Muitos debates foram realizados e por volta do ano 220 e.c. as decisões provenientes desses debates foram editadas pelo Rabi lehudá Há-nasi (135-220), ficando o conjunto dessas leis conhecido por *Mishná*. “Ela se tornou a fonte autorizada da *Halachá* (lei judaica), tornando-se o livro mais importante para os judeus depois da Bíblia”.<sup>81</sup>

No período compreendido entre os anos 220 a 470 e.c., estudiosos denominados de amoraítas (ou amoraím) acrescentaram seus comentários e interpretações ao texto da *Mishná*. No entanto, existiam os amoraím da Babilônia e os amoraím de Israel. As discussões e interpretações feitas pelos amoraím babilônicos, juntamente com a *Mishná*, deram origem ao *Talmud* Babilônico. O *Talmud* de Jerusalém, por sua vez, é formado pelos comentários dos amoraím de Israel mais a *Mishná*. Em termos de importância, as opiniões contidas no *Talmud* de Jerusalém são mais aceitas pelos judeus, por terem sido finalizados primeiro. Com o tempo, os amoraím foram sucedidos nas academias da Babilônia (Sura e Pumpedita), pelos gueonim, responsáveis pela introdução da *tacanót* (normas) sobre assuntos não abordados no *Talmud*.<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos porquês*. 5 ed. São Paulo: Sefer, 2007. p. 4.

<sup>81</sup> KOLATCH, 2007, p. 5.

<sup>82</sup> KOLATCH, 2007, p. 5. Os judeus adotam em seus textos as abreviaturas: a.e.c (antes da era comum) e e.c (era comum), com intuito de fazer diferença dos cristãos que utilizam em seu sistema de datas: A.C (antes de Cristo), D.C (depois de Cristo) e A.D (Anno Domini). A aceitação do sistema de datas dos cristãos pelos judeus implicaria na aceitação de Jesus Cristo como divino, o que é negado pelos judeus. KOLATCH, 2007, p. 312.

No século VI, grupos de judeus migraram para locais distantes dos grandes centros de estudo judaicos (Israel e Babilônia), contribuindo para mudanças relacionadas a seus hábitos e costumes, absorvendo muito da cultura local. Durante a Idade Média, na França, estudiosos tais como Rashi (1040 – 1105), redigiram comentários relacionados à Bíblia e ao Talmud. Suas observações serviram de base para a interpretação da lei. Nesse tempo, surgiram muitos questionamentos relacionados à lei. Estes eram encaminhados aos estudiosos para que chegassem a um consenso, principalmente em questões em que o Talmud não fornecia resposta completa ou direta a respeito. As respostas a estes questionamentos foram chamadas de “Responso”. A solução encontrada para as perguntas poderiam diferir, dependendo do local onde eram feitas. Entretanto, elas se tornaram base para o *Halachá* (lei comportamental judaica).<sup>83</sup>

A partir do século XII, autoridades judaicas, preocupadas com a repercussão de diferentes opiniões e interpretações da lei judaica, juntaram esforços na tentativa de uniformizá-la. Neste período, Rebênu Jacob Tam (1100 – 1171), neto de Rashi, proibiu a reprodução de costumes individuais, considerando que era nociva às leis judaicas. Mais tarde, o Rabino alemão Jabob Ben Moisés Há-Levi Mölin, o Maharil, escreveu um livro em que fixava padrões para práticas judaicas concernentes a condutas comunitárias e práticas nas sinagogas.<sup>84</sup>

No século XVI, Josef Caro (1488 – 1575), estudioso espanhol, escreveu o *Shulchan Arúch*, Código da Lei Judaica, a partir dos padrões fixados por Maharil, considerado até hoje o código oficial da lei judaica. No entanto, o livro não foi completamente aceito pelos judeus, em sua maioria alemã e polonesa, por não conter opiniões relacionadas a práticas adotadas por judeus alemães e poloneses. Isso foi resolvido tempos mais tarde por Moisés Isserles, da Cracóvia, que acrescentou ao *Shulchan Arúch*, comentários referentes a práticas germano-polonesas. Todavia, apesar dos esforços das autoridades judaicas e da importância dada ao *Shulchan Arúch*, os judeus, sendo povo cosmopolita, sofreram influências de outras culturas. Na Era Moderna, observou-se o surgimento de movimentos conservadores e reformistas. Estes movimentos foram responsáveis pela introdução

---

<sup>83</sup> KOLATCH, 2007, p. 6.

<sup>84</sup> KOLATCH, 2007, p. 6.

de novas cerimônias, além do surgimento de opiniões contrárias às práticas judaicas.<sup>85</sup>

Os judeus acreditam em um só Deus indivisível, que os escolheu para adorá-lo e obedecer a seus mandamentos. A Bíblia declara que o criador falou a Moisés: “E Eu vos tomarei por Meu povo” (Êx 6.7), “e ser-me-eis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos para serdes Meus” (Lv 20.26).<sup>86</sup> Acreditando que realmente foram escolhidos e separados por Deus, os descendentes de Abraão procuram obedecer às leis dadas por Deus a Moisés.

### 2.1.3 Hebreus, judeus ou israelitas?

Hebreus, israelitas ou judeus: como chamar este povo? Os três nomes estão relacionados a acontecimentos importantes em sua história. A palavra “*hebreu*”, na Sagrada Escritura, está ligada ao nome Eber, tataraneto de Sem. O termo deriva de *abar*, cruzar. O hebreu é “aquele que cruza” um homem proveniente de grandes peregrinações. Ao chama-los de *israelita*, pressupõe-se que é devido ao nome dado a Jacó pelo anjo do Senhor: “Então disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste” ( Gn 32.28). Jacó, durante a luta com um ser espiritual, foi ferido na articulação da coxa, afetando o nervo ciático. Por esta razão, os israelitas não comem o nervo ciático localizado na articulação da coxa. Já o termo “*judeu*”, ficou consolidado no período romano, aparecendo, sobretudo no Novo Testamento e nos dois livros de Macabeus. O nome judeu carrega consigo um dos fatos mais admiráveis da história deste povo: ele remete à época do exílio babilônico, em que a tribo principal, “Judá”, manteve suas crenças e tradições de seus ancestrais, enquanto as outras tribos foram contaminadas pelas tentações do povo pagão.<sup>87</sup>

De acordo com a Bíblia, o termo “Israel” foi utilizado para designar todo o povo a partir de sua permanência no Egito. O nome muda a partir da época da

<sup>85</sup> KOLATCH, 2007, p. 7.

<sup>86</sup> ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: As tradições e as leis dos judeus praticantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 30.

<sup>87</sup> ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 46-47.

monarquia, quando forma o reino do norte: “Judá é o Reino do Sul, Israel o Reino do Norte”.<sup>88</sup>

Os judeus, são divididos em *cohen*, levi ou israel. Para ser *cohen*, ele deve ser descendente de Aarão, o irmão de Moisés, sendo, portanto, descendentes de sacerdotes. Os aaronitas, ou cohanim eram os sacerdotes que dirigiam o culto no templo em Jerusalém. O rabino é aquele que conhece profundamente a lei judaica e é considerado juiz em assuntos relacionados à prática e costumes judaicos. Os leviim (ou levitas) são descendentes da tribo de Levi. Na prática, são assistentes dos sacerdotes. As outras pessoas que não fazem parte dos *cohem* ou dos leviim são consideradas judeus comuns ou israel.<sup>89</sup>

## 2.2 Os livros judaicos

Durante séculos, a tradição judaica foi passada de pai para filho através da chamada tradição oral. Com o passar dos anos, houve necessidade de escrevê-la, e esses escritos têm importância fundamental para o povo judeu. Eles contêm suas histórias e mantêm viva sua tradição. É neles que vamos encontrar a lei e o entendimento judaico de não misturar carne com leite.

### 2.2.1 A Bíblia

O Antigo Testamento serve de base para o viver judeu, por conter a Torá, em que se fundamenta a lei judaica. O livro é conhecido pelos judeus como “TANACH”, sigla que representa as primeiras letras dos três grupos de livros que compõem a Bíblia: *Torá* (Lei), *N’viim* (Profetas) e *K’tuvim* (Hagiógrafos).<sup>90</sup>

A Torá é composta pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O grupo referente aos Profetas pode ser dividido em duas partes: Os Profetas Anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e os Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Os Hagiógrafos são compostos pelos livros de Salmos,

---

<sup>88</sup> KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 49.

<sup>89</sup> ASHERI, 1995, p. 9.

<sup>90</sup> ASHERI, 1995, p. 139.

Provérbios, Jó, Cinco rolos (Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Lamentações, Rute, Ester), Esdras e Neemias, Daniel e Crônicas).<sup>91</sup>

Os judeus acreditam que a Torá foi entregue por Deus a Moisés, que posteriormente a entregou ao povo judaico exatamente como a recebeu, não mudando ou acrescentando uma só palavra ou letra, não sendo, portanto, um livro inspirado ou criado por um líder de uma tribo ou por homens santos. O livro foi criado por um ser divino. Nela estão descritas as leis e os mandamentos que servem de guia para a vida do povo judeu.<sup>92</sup>

A Torá é composta de duas partes: A Torá Escrita e a Torá Oral. A Torá Escrita, no hebraico, Torá *Shebiktav* ou *Mikra*, é representada pelos cinco primeiros livros da Bíblia, conhecidos como Pentateuco (palavra que em grego significa cinco livros), ou *Chumas*. A Torá, segundo cálculos rabínicos, contém 613 mandamentos, ou *mitsvót* (preceitos práticos do judaísmo).<sup>93</sup>

A Torá Oral, em hebraico *Torá Sheb'alpeh*, é composta (para usar as palavras do renomado Rabino *Zvi Hirsh Chayes*), pelas “exposições e interpretações que foram comunicadas oralmente a Moisés, como um suplemento à Torá Escrita”. Ela foi transmitida oralmente por várias gerações, sem nunca ter sido escrita, até que o Rabino *Yehuda Há-Nasi*, auxiliado por outros grandes sábios, reuniu esses ensinamentos, passando a Lei Oral compilada por escrito a chamar-se *Mishná*, tendo sido concluída por volta de 220 E.C. Hoje em dia, a *Mishná* e a *Guemará*, juntas, formam o Talmud. Sendo assim, a *Mishná* compreende a Lei Oral, e a *Guemará*, é um resumo dos debates dos juizes rabínicos relacionados com as leis estabelecidas na *Mishná*. Tanto a *Mishná* quanto a *Guemará* constituem a base da lei judaica e são utilizadas na aplicação aos problemas do dia a dia.<sup>94</sup>

Nasi era o título dado ao líder dos judeus em Israel. O Rabi Yehudá Há-Nasi era da sétima geração, de *nessiim* (plural de *nasí*) desde Hilel, descendente do próprio Rei Davi. Era uma pessoa de grande influência e domínio sobre todos os sábios, um exemplo de bondade e grandes virtudes. Após sua morte, foi

---

<sup>91</sup> BAHBOUT, Scialom. *Judaísmo: História – Cultura – Preceitos e Festas*. São Paulo: Globo, 2002. p. 46.

<sup>92</sup> ASHERI, 1995, p. 30.

<sup>93</sup> ASHERI, 1995, p. 31.

<sup>94</sup> ASHERI, 1995, p. 31.

acrescentada à *Mishná* a seguinte expressão: “Desde que Rabi faleceu, não existem mais humildade e temor ao pecado”.<sup>95</sup>

O *Talmud* é constituído por seis partes, que tratam de assuntos distintos. São elas:

- 1 – Sêder *Zeraím* (Grãos), que discute assuntos relacionados ao dízimo, oferendas e temas agrícolas;
- 2 – Sêder *Moêd* (Data festiva), que trata das festividades;
- 3 – Sêder *Zeraím* (Grãos), que discute assuntos relacionados ao dízimo, oferendas e temas agrícolas;
- 4 – Sêder *Nashim* (Mulheres), que discute assuntos relacionados a casamentos e divórcios;
- 5 – Sêder *Kodashim* (Sacros), que lida com sistema de sacrifícios do templo;
- 6 – Sêder *Torót* (Purezas), que trata da pureza ritual.

O interdito contra cozinhar um cabrito no leite da mãe aparece três vezes na Torá Escrita. A Torá Oral orienta que a lei não se restringe apenas à carne do cabrito e ao leite de sua mãe. Ela é extensiva a toda carne e a todo tipo de leite. Nenhuma carne pode ser cozida em leite. Os rabinos, após uma série de debates, criaram leis com o objetivo de proteger esse estatuto. Ao final desses debates, os rabinos concluíram que os judeus devem separar até mesmo os utensílios que foram utilizados para carne em alimentos preparados com leite.<sup>96</sup>

A Torá Escrita e a Torá Oral são consideradas um presente divino, que fora revelada a Moisés por Deus, no Monte Sinai. Ela foi transmitida e guardada através de gerações até o dia de hoje. Da mesma maneira que o Senhor é Eterno, a Torá é Eterna, e através de seu estudo, entendimento e cumprimento de seus preceitos o povo judeu torna-se também Eterno.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> MISHNÁ. Hebraico, Tradução e Comentários. *Seder Zerayim* – Tratado de *Berachot*, 2013. Associação Beneficente e Cultural Makom. Supervisão Geral Rabino Shlomo. São Paulo: Safra, 2013. p. 16.

<sup>96</sup> ASHERI, 1995, p. 32.

<sup>97</sup> BLUMENFELD, Yaacov Israel. *Judaísmo, visão do universo: A vida, O mundo e o homem segundo a Torah*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 75.

### 2.2.2 O Midrash

É uma coletânea de comentários rabínicos a respeito de textos bíblicos. No *Midrash* encontramos lições morais, contadas através de histórias e lendas.<sup>98</sup>

É famoso o Midrash que conta a história do patriarca Abraão, quando ele foi incumbido por seu pai, Terá, de cuidar de seu comércio de ídolos. Ele não entendia como o homem poderia adorar um objeto feito por mãos humanas, e começou a procurar uma explicação para a existência de um Deus.

Seria Ele o Sol, que aquece, ilumina e alegra o dia? Mas seu poder é limitado, pois ele não consegue vencer a escuridão da noite.

Seria então a Lua, que embeleza a noite? Mas sua Luz se desvanece com o amanhecer...

Seriam as estrelas, que guiam os navegantes no caminho dos mares? Mas elas, muitas vezes, não conseguem atravessar nuvens escuras e carregadas.

Seria talvez a chuva, que umedece os campos e propicia as colheitas? Mas há períodos de seca, quando ela não consegue atender às necessidades do solo.

De escolha em escolha, dentre as mais diversas alternativas, Abraão concluiu haver somente um Ser Supremo, o Criador do Sol e da Lua, das estrelas e da chuva, e até mesmo da própria vida.<sup>99</sup>

### 2.2.3 O Zohar

O *Sefer Há-Zohar*, ou “Livro do Esplendor, da Claridade e da Iluminação”, é uma importante documento de transmissão da tradição mística judaica, a Cabala.<sup>100</sup>

A Cabala é constituída de doutrinas ligadas ao ocultismo. A tradição cabalística ocupa-se em entender quem é e o que é Deus. É uma antologia de textos escritos e editados no final do século XIII até meados do século XIV. Moisés de Leon foi um dos principais autores. “O *Zohar* é constituído de textos variados, a maioria são interpretações, passagens bíblicas, ditados curtos ou longos tratados”. Um exemplo de como a *Zohar* interpreta o relato da criação, contando a história adicionando seus pontos teológicos da narrativa.<sup>101</sup>

“Disse Deus: haja luz. E houve luz” (Gn 1.3). Esta é a luz primordial que Deus fez. É a luz do olho. Essa luz Deus mostrou a Adão, que por meio dela

<sup>98</sup> ASHERI, 1995, p. 32.

<sup>99</sup> BIRNBAUM, Eliahu; ROSENBERG, Shalom. *O que é Cashrut? Antologia do Pensamento Judaico sobre as Leis Dietéticas Judaicas*. São Paulo: Sêfer, 2003. p. 89.

<sup>100</sup> ASHERI, 1995, p. 142.

<sup>101</sup> NEUSNER, Jacob. *Introdução ao Judaísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 179.

conseguiu ver de um lado ao outro do mundo. Esta luz Deus mostrou a Davi e ele, segurando-a, cantou seu louvor, dizendo: “Oh! Como é grande a tua bondade, que guardaste para os que te temem (Sl 31.19). Esta é a luz por meio da qual Deus revelou a Moisés a Terra de Israel de Gilead a Dan. Prevendo a ascensão de três gerações pecadoras, a geração de Enoque, a geração do Dilúvio e a geração da Torre de Babel, Deus afastou a luz para que não a usufríssem. Então ele a deu a Moisés no tempo em que a mãe o escondeu, durante os três primeiros meses após seu nascimento. Quando Moisés foi levado à presença do Faraó, Deus retirou-a dele e só a devolveu quando ele subiu ao Monte Sinai para receber a Torá. A partir de então, Moisés teve-a como sua até o fim da vida e por isso não podiam os israelitas aproximar-se dele sem que ele colocasse um véu sobre seu rosto (Êx 34.33).<sup>102</sup>

#### 2.2.4 O Sidur

É um livro de preces, bênçãos, serviços cerimônias e fórmulas, para uso durante o ano inteiro. Existem diferentes edições do *sidur*, desde os que contêm apenas as três orações diárias até os que descrevem e comentam orações, circuncisão, funeral, salmos, literaturas rabínicas dentre outros.<sup>103</sup>

#### 2.2.5 O Mashzor

É um livro de orações específico para os dias santos. A diferença entre o *Sidur* e o *Mashzor* é que este ,além de ser empregado apenas em dias santos, é lido preferencialmente na sinagoga, enquanto aquele também é usado nas residências, podendo ser utilizado em diferentes situações.<sup>104</sup>

#### 2.2.6 A Resposta

São perguntas e respostas. São cartas escritas de um rabino a outro, pedindo opinião a respeito de questões morais, legais ou religiosas. O parecer dado em respostas a estas perguntas é impresso, juntamente com a carta que a provocou, na compilação de “respostas” dadas por determinado rabino. Os rabinos registram suas respostas em hebraico, tornando a literatura acessível aos judeus de todas as partes do mundo, em épocas diferentes.<sup>105</sup>

<sup>102</sup> NEUSNER, 2004, p. 179.

<sup>103</sup> ASHERI, 1995, p. 142.

<sup>104</sup> ASHERI, 1995, p. 143.

<sup>105</sup> ASHERI, 1995, p. 143.

### 2.2.7 Os Comentários

São livros escritos por pessoas dotadas de elevado nível intelectual, que esclarecem assuntos relacionados à Torá e ao Talmud. Homens como Rasnhi, Maimônides, Ibn Ezra, Kimchi, Nachmânides, Elijah de Wilno e outros, produziram textos relacionados à tradição e história, sem os quais seria difícil o entendimento e a conduta correta dos livros judeus.<sup>106</sup>

No Livro da Sabedoria, *Mishné Torá*, escrito por Maimônides, encontramos a Lei dos alimentos proibidos como uma das leis que fazem parte do Livro da Santidade. Dela fazem parte vinte e oito preceitos, dentre eles, dois estão relacionados à recomendação de não ingerir carne e leite, são eles: 20 - não comer carne com leite; 21 - não cozer carne com leite.<sup>107</sup> Observamos que a proibição está relacionada com comer e cozer, não deixando margens para dúvidas quanto ao entendimento da lei por parte dos judeus.

### 2.3 As leis dietéticas no entendimento judaico

Costumes associados com a criação e consumo de alimentos são pilares de muitas das crenças religiosas no mundo e a fé desempenha um papel importante na escolha de quais alimentos devem ser consumidos pelo ser humano. Uma das formas de estabelecer diferenças entre a cultura israelita e a de outros povos foi fazer coisas diferentes, dentre elas a alimentação.

O entendimento do ser humano a respeito da alimentação foi progressivo. A vontade de comer nasceu junto com o primeiro ser humano, que para satisfazer sua vontade, cruzou vales, montes, rios, aprendeu a caçar e a pescar em busca constante pela sua subsistência. Esse processo deu origem a diferentes tipos de culturas e hábitos alimentares, dentre eles, as leis dietéticas dos hebreus.<sup>108</sup>

A Bíblia afirma que o primeiro lavrador do solo foi Caim (Gn 4.2). Caim fez parte de uma geração que percebeu que poderia aumentar suas colheitas em um

---

<sup>106</sup> ASHERI, 1995, p. 144.

<sup>107</sup> BEN MAIMON, Moshe (Maimônides). *Mishné Torá, O Livro da Sabedoria*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 85.

<sup>108</sup> VAMOSH, Mirian Feinberg. *Food at the time of the Bible: from Adam's apple to the last supper*. Herzlia: Palphot. Israel, s/d. p. 5.

local permanente, em vez de se deslocar de um lado para outro à procura de alimento, que crescesse de acordo com a natureza de cada um.<sup>109</sup>

Ornellas descreve que o ser humano primitivo, ao perceber a relação entre a semente e a planta, entre o crescimento e a germinação associada ao ciclo lunar, ao observar os grãos que caíam das frutas e ao ver os alimentos germinarem, descobriu que poderia arremessá-los a terra e fazê-los crescer que não precisaria viver à procura do que a natureza oferecia, passando a dominá-la.<sup>110</sup>

### 2.3.1 Os animais puros e os impuros

O israelita possui três encontros diários com Deus: no momento da refeição, em que relembra sua história e quem fornece alimento diário; ao declamar uma prece, momento em que tem conexão direta com Deus; e ao dedicar parte do dia ao estudo da Torá, entendida como a palavra de Deus.<sup>111</sup>

Levítico 11 e Deuteronômio 14.3-21 fornecem uma lista com animais divididos entre puros e impuros. Uma das proibições mais conhecidas na Bíblia é a de não comer carne de porco. Esta proibição era tão rigorosa que os arqueólogos podem determinar quais são os antigos assentamentos de habitação israelita, de acordo com a ausência de ossos de porco nas escavações. O filósofo e médico Maimônides acreditava que havia razões para evitar a ingestão de determinados animais. O porco, afirma Maimônides, é um animal muito sujo. Outro famoso comentarista chamado Nahmanides também relaciona a saúde à obediência às leis dietéticas. A razão para especificar peixes com barbatanas e escamas como apropriado para o consumo é que eles chegam perto da superfície da água, enquanto aqueles, sem barbatanas e escamas, vivem geralmente na lama. Seu consumo, portanto, poderia fazer mal à saúde.<sup>112</sup>

A ideia de separação em diferentes classes tem outros aspectos, entre eles, a ideia de que ser santo, em certa medida, é ser separado. A santidade que Deus exigia dos israelitas (Êx 22.30; Lv 11.44-45) determinou a separação dos itens considerados impuros. Nos tempos bíblicos, separação também significava não

---

<sup>109</sup> VAMOSH, s/d., p. 5.

<sup>110</sup> ORNELLAS, 2003, p. 13.

<sup>111</sup> NEUSNER, 2004, p. 107.

<sup>112</sup> VAMOSH, s/d., p. 10.

consumir o alimento dos gentios, pois poderia ter sido utilizado em cerimônias de adoração de ídolos.<sup>113</sup>

A Bíblia cita pela primeira vez animais limpos e não limpos ao narrar a história de Noé que abrigou na arca sete casais de animais considerados puros e somente dois dos considerados impuros. “De todos os animais puros, tomarás sete pares, o macho e a fêmea; dos animais que não são puros, tomarás um casal, o macho e sua fêmea (e também das aves do céu, sete pares, o macho e sua fêmea), para perpetuarem a raça sobre toda a terra” (Gn 7.2-3).<sup>114</sup>

Moisés, ao apresentar os animais próprios e impróprios para o consumo, não explicou quais as razões e os critérios considerados para tal seleção. Elas foram reveladas por Deus e devem ser obedecidas. No entanto, Moisés expos alguns critérios para reconhecer os animais terrestres considerados “puros”: eles devem ter o “casco fendido”, “partido em duas unhas” e devem “ruminar”; quanto aos peixes “puros”, eles devem ter “barbatanas” e “escamas”.<sup>115</sup>

Israel, como povo santo, deveria distinguir-se de outros povos, respeitando as definições divinas de pureza e impureza. Ele era diferente das nações em sua volta pela consciência no trato com os animais e o uso que fazia deles.<sup>116</sup>

Os israelitas, de posse das leis descritas por Deus a Moisés, começaram a utilizá-las em seu cotidiano, criando as chamadas Leis Dietéticas ou *Kashrut*. Com o tempo, estas leis foram discutidas e adaptadas, perdurando até hoje na maioria das comunidades judaicas.

### 2.3.2 As leis dietéticas – *Kashrut*

*Kashrut* é a palavra hebraica para as leis dietéticas judaicas. Origina-se da palavra *kasher*<sup>117</sup>, ou seja, “apto”, “apropriado” ou “de acordo com a lei religiosa”. Todo alimento que obedece às exigências da lei judaica e é adequado para o consumo, considera-se *kasher*. Este termo pode ser utilizado para outras coisas além de comida, por exemplo, uma pessoa *kasher* é aquela que vive de acordo com

<sup>113</sup> VAMOSH, s/d., p. 10.

<sup>114</sup> ANIMAIS LIMPOS E LEIS DIETÉTICAS. Revista de Catequese. Bíblia e Catequese. São Paulo: Salesiana, n. 95, jul/set. 2001. p. 19.

<sup>115</sup> FLANDRIN, Jean Louis; Montanari, Massino (Diretores). *História da Alimentação*: São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 82.

<sup>116</sup> DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 215.

<sup>117</sup> O termo *kasher* ou *kosher* designa os alimentos que foram preparados conforme as leis judaicas de alimentação (*kashru*).

os ensinamentos religiosos. Um negócio pode se *kasher*, no sentido de “correto” e “próprio”. No entanto, a palavra é mais comumente utilizada para alimentos. As leis dietéticas judaicas objetivam alcançar mais que o bem físico - elas procuram alcançar o espiritual.<sup>118</sup>

As normas relacionadas às prescrições alimentares são extensas e complexas. Por esta razão, a presente pesquisa procura considerar apenas as prescrições relacionadas ao texto de Deuteronômio 14.21 e as relacionadas à carne e leite em geral, por entender que fazem parte do texto em estudo.

### 2.3.3 Considerações gerais do *Kashrut*

As leis dietéticas, *Kashrut*, não são adotadas por todos os judeus. Elas são obedecidas apenas pelos judeus praticantes. E podem ser divididas em quatro grupos distintos: leis referentes a carnes, aves e peixes; leis relacionadas à mistura de carne e leite; leis atribuídas a produtos de sucos de uvas e ao vinho; e por fim, as leis que se referem à comida em *Pessach*.<sup>119</sup>

O contrário de *Kasher* (ou *Kasher*, para os *sefaradim*) é *tref* ou *trefa*, significando “despedaçado por animais selvagens”. Atualmente é entendido pelos judeus como “não comestível”. Então, *Kasher* é algo próprio para o consumo e *tref* é impróprio.<sup>120</sup>

Para os judeus, os alimentos possuem três classificações: A carne e os alimentos que contêm carne em sua composição; O leite e seus derivados e os alimentos que não contêm nem carne nem leite. Os alimentos que contêm carne são denominados de *fleishig*. Os alimentos compostos de leite e seus derivados são conhecidos como *milchig*; e os alimentos considerados neutros são os *pareveh*.<sup>121</sup>

---

<sup>118</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 13.

<sup>119</sup> ASHERI, 1995, p. 112.

<sup>120</sup> ASHERI, 1995, p. 112. Acreditava-se que os *sefaradim* fossem os judeus de origem espanhola ou portuguesa. Atualmente, o termo *sefaradim*, refere-se a comunidades judaicas residentes em partes do mundo árabe, persa ou turca, que praticam o ritual espanhol em suas preces e em serviços da sinagoga. ASHERI, 1995, p. 9.

<sup>121</sup> ASHERI, 1995, p. 113.

### 2.3.4 A carne como alimento judaico

A Bíblia afirma que a carne como alimento só foi permitida por Deus após o dilúvio. “Deus disse: Eu vos dou todas às ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isso será vosso alimento” (Gn 1.29). Em Gênesis 9.3, Deus concedeu a carne como alimento e disse: “Tudo o que se move e possui vida vos servirá de alimento, tudo isso eu vos dou, como vos dei a verdura das plantas”. Entretanto ele adverte: “Mas não comereis a carne com sua alma, isto é, o sangue” (Gn 9.4).<sup>122</sup>

Os judeus podem comer carne de todos os animais que tenham casco fendido e ruminem. As outras espécies são proibidas. São permitidos o consumo de aves (exceto as aves de presa, como a águia e o falcão) e os peixes, mas apenas os que possuem barbatanas e escamas (Lv 11.1-47; Dt 14.3-20).<sup>123</sup> Vale ressaltar que, mesmo que as carnes sejam aceitáveis para o consumo, não significa que elas sejam *kasher*. Para isto, os animais precisam ser abatidos pelo *shochet*, carniceiro judaico, autorizado pela autoridade rabínica local. O *shochet* é treinado para realizar um abate ritual, que consiste em matar o animal com uma faca de gume altamente cortante que seja capaz de atravessar veias e artérias da garganta, de forma que o animal fique inconsciente e não sinta dor. Após a morte do animal, ele é dissecado e o *shochet* examina suas vísceras e pulmões. Caso seja encontrada alguma anomalia, o animal é considerado *tref*.<sup>124</sup>

Para que o animal abatido seja *kasher* e possa se tornar *kashut*, é necessário que o açougueiro retire a gordura localizada em torno dos rins e outros órgãos, o nervo ciático e os tendões dessa região, além dos quartos traseiros. Ao comprar a carne em um açougue *kasher* e levá-la para casa, é necessário colocá-la de molho em água fria durante meia hora. Após ser retirada da água fria, é colocada em uma tábua com sulcos, coberta com muito sal grosso e deixada repousar por uma hora. A finalidade deste processo é retirar todo o sangue possível existente na carne. A justificativa para este ritual está na proibição de se ingerir carne com sangue.<sup>125</sup>

<sup>122</sup> GOLDBERG, David J; RAYNER, John D. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989. p. 375.

<sup>123</sup> GOLDBERG; RAYNER, 1989, p. 376.

<sup>124</sup> ASHERI, 1995, p. 113.

<sup>125</sup> ASHERI, 1995, p. 114.

### 2.3.5 O leite na dieta Israelita

Os israelitas consumiam leite de vaca, cabra e ovelha. Era comum a utilização do leite coalhado, além do *kefir*, alimento semelhante ao iogurte feito com leite coalhado, que não necessita de refrigeração para sua conservação. Este tipo de alimento ainda hoje é preparado e consumido, inclusive no ocidente. O queijo também era um alimento muito apreciado pelos judeus nos tempos bíblicos.<sup>126</sup>

Atualmente os alimentos preparados com leite e seus derivados são considerados *kasher*, exceto aqueles preparados com animais não *kasher*. Alguns judeus ortodoxos têm certa objeção em comer determinados queijos, por serem coagulados com coalho proveniente do revestimento do estômago do animal, que não deve ser misturado com leite.<sup>127</sup>

Na celebração do *Shavuot*, feriado judaico em que se comemora a revelação da Torá a Moisés, tradicionalmente no primeiro jantar são servidos alimentos à base de leite. Não se serve carne. Para esse costume, Gutin enumera três possíveis hipóteses que servem como base para explicar esta prática: A primeira está relacionada à promessa que Deus fez de levar os israelitas para uma terra onde mana leite e mel (Êx 3.8). Como segunda razão, aponta para as prescrições alimentares: ao receber a Torá, os israelitas não separavam utensílios para carne e leite. Por esta razão, só serviam alimentos à base de leite, até que pudessem ter utensílios próprios e, por fim, os judeus comem somente laticínios porque no Sinai eles eram como recém-nascidos: alimentavam-se somente de leite.<sup>128</sup>

### 2.3.6 Kashrut: orientações relacionadas à mistura de carne e leite

A separação entre leite e carne deriva da interpretação feita pelos judeus do livro de Êxodo 23.19; 34.26, e Deuteronômio 14.21, que proíbem cozinhar um cabrito no leite de sua mãe. Esta proibição pode derivar do senso de respeito entre

---

<sup>126</sup> COLEMAN, William. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*: Venda Nova: Betânia; Minas Gerais, 1991. p. 50.

<sup>127</sup> ASHERI, 1995, p. 115.

<sup>128</sup> BANK, Richard D; GUTIN, Julie. *O livro completo sobre a história e o legado dos judeus: de Abraão ao sionismo, tudo do que você precisa para compreender os principais acontecimentos, personagens e locais*. São Paulo: Madras, 2004. p. 51.

mãe e filho, ou pode ter sido para evitar um ato que foi realizado por outros povos em Canaã como parte de um ritual pagão.<sup>129</sup>

Antigos rabinos entenderam que os judeus, além de não cozinhar o animal no leite de sua própria mãe, deveriam evitar o consumo de carne de qualquer animal, juntamente com qualquer derivado do leite. Atualmente a lei judaica incluiu na proibição a carne de aves. Posteriormente, os rabinos exigiram a separação de utensílios separados para carne e leite.<sup>130</sup>

O tempo de espera entre a ingestão de um alimento *milching* e um alimento *fleishing* difere entre os judeus. Para os judeus da Europa Oriental, o intervalo é de seis horas, sendo em geral o mesmo para os judeus residentes nas Américas. Já os judeus alemães esperam três horas, ao passo que os judeus holandeses aguardam setenta e dois minutos.<sup>131</sup> Observamos que o tempo de espera depende da cultura local.

Scialom defende que as restrições referentes à alimentação são uma forma de não violência. O leite, que alimenta e dá vida ao recém-nascido, não pode ser misturado com a carne oriunda de um animal morto.<sup>132</sup>

Landmann sugere que a proibição bíblica de não misturar carne e leite possui sentido ecológico. A carne representa a supressão da vida pela violência: esta não pode ser misturada ao leite, que é o fluido da vida. O judaísmo sempre rejeitou a violência. A tradição ensina que não se deve abater a vaca e o bezerro no mesmo dia; deve-se afastar a mãe de um ninho antes de se recolher os ovos, assim como não se deve cozinhar um cabrito no leite de sua própria mãe.<sup>133</sup>

O Kashrut, leis dietéticas judaicas, possuem regras específicas para a mistura de carne e leite. Podemos citar dentre elas:

- 1 Alimentos que contenham carne ou leite não podem ser servidos juntos ou na mesma louça, mesmo que não seja servido simultaneamente.
- 2 Todo utensílio utilizado para preparação de alimentos que possuam na sua composição carne ou leite, mesmo que de forma não simultânea, são considerados não *Kasher*. Logo, é preciso adquirir utensílios diferentes para

<sup>129</sup> VAMOSH, s/d., p. 10.

<sup>130</sup> ROSENBERG, Roy A. *Guia conciso do judaísmo: história, prática e fé*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 174.

<sup>131</sup> ASHERI, 1995, p. 116.

<sup>132</sup> BAHBOUT, 2002, p. 46.

<sup>133</sup> LANDMANN, Jayme. *Judaísmo e Medicina*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 38.

carne e leite, podendo ter formas, tamanhos e cores diferentes, a fim de facilitar a distinção entre eles.

- 3 Após a ingestão de carne é necessário esperar algum tempo antes de comer alimentos que contenham leite. Neste caso, existem diferentes opiniões a respeito. Os intervalos variam de três a seis horas. O tempo de espera é para que os detritos gordurosos, que não saem facilmente, tenham tempo de se decompor.
- 4 Após a ingestão de laticínios não é necessário esperar algum tempo antes de comer carne. Deve-se apenas enxaguar a boca. A diferença entre a espera após a ingestão de carne e leite é devido ao entendimento de que o leite, diferentemente da carne, não é gorduroso e não fixa entre os dentes, como a carne, exceto aqueles que contenham queijos duros.
- 5 Havendo necessidade, doentes ou crianças podem reduzir o tempo de espera para uma hora, mas precisam realizar higiene oral antes do consumo do próximo alimento, assim como recitar a bênção após a refeição de carne.
- 6 A louça utilizada para o preparo ou o consumo de carne e leite não devem ser colocadas na mesma pia. Caso não se tenha duas pias, as louças devem ser colocadas em bacias e escurredores diferentes, mesmo que não sejam lavadas simultaneamente.
- 7 A máquina de lavar louça pode ser utilizada para higienizar pratos de carne e leite, desde que sejam utilizados dois suportes e a máquina funcione vazia entre uma lavagem e outra. Alguns rabinos proíbem a utilização da mesma máquina, mesmo que sejam observadas as regras descritas acima.
- 8 Panos de prato podem ser utilizados de cores diferentes para louças de carne ou leite.
- 9 Caso duas pessoas se assentem à mesa para fazer refeição em que uma esteja se alimentando de carne e outra de leite, é necessário separar toalhas e jogos americanos, para que se faça distinção entre elas.
- 10 Copos de vidro podem ser utilizados para carne ou leite. Utensílios de vidro não podem ser usados para carne e leite quando o alimento for cozido ou assado, pois a alta temperatura possibilita absorção do alimento.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 83-84.

### 2.3.7 Técnicas de fazer *Kasher*

O *Kashrut* orienta que se for usado por engano um utensílio de carne para leite ou vice-versa, em alguns casos é possível torná-los novamente *Kasher*, próprio para o consumo. Panelas e talheres são recuperados com água quente. Outros objetos, tais como fornos, grelhas, espetos e formas, podem se tornar *Kasher* se colocados diretamente no fogo.<sup>135</sup>

Utensílios de plástico, metal e madeira podem ser recuperados, exceto os que possuem cavidades, falhas ou espaços difíceis de limpar. “Produtos de barro, cerâmica e porcelana não podem ser recuperados por nenhum processo”.<sup>136</sup>

### 2.3.8 O entendimento judaico das normas alimentares

A *Torá* normalmente não explica as razões de suas regras e normas. Os mandamentos ou *Mitsvót* vêm sendo discutido durante séculos. Como os judeus entendem estas regras? Por que as obedecem?

Shalom Rosenberg enumera quatro explicações básicas para a questão: A primeira corrente defende que as *Mitsvót* têm como objetivo o bem do ser humano. Por exemplo, as leis dos alimentos proibidos através de suas regras de higiene. A segunda sustenta que as *Mitsvót* existem para o aperfeiçoamento do ser humano. A terceira está fundamentada na mística judaica. “As *Mitsvót* formam um meio através do qual o homem realiza sua missão” e por fim, a quarta e última corrente chama atenção para a submissão humana a Deus.<sup>137</sup>

As leis existem e devem ser cumpridas porque vieram de um ser divino. Hirsch, a respeito da obediência às leis, descreve em seu livro intitulado “Horeb”:

É teu dever cumprir os preceitos, porque são preceitos do Eterno e não porque te parecem bem. E mesmo que você concorde com suas razões, este não deve ser o motivo pelo qual você deve cumprir estes preceitos. Se fosse assim, você estaria obedecendo apenas a si mesmo. Como todas as criaturas de Deus, você tem o dever de servir ao Eterno com todo o teu ser, porque essa é a essência do ser humano.<sup>138</sup>

<sup>135</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 88.

<sup>136</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 84.

<sup>137</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 16.

<sup>138</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 16.

Kolatch afirma que as razões para a criação de leis, em especial as Lei de *Kashrut* estão na Bíblia em Levíticos 11.44-45: “Pois sou eu, lahweh, o vosso Deus. Fostes santificados e vos tornastes santos, pois que eu sou santo; não vos torneis, portanto, impuros com todos esses répteis que rastejam sobre a terra. Sou eu, lahweh, que fiz subir da terra do Egito para ser o vosso Deus: sereis santos, porque eu sou santo”.<sup>139</sup>

O rabino Chayim Halevy Donim diz que a razão está na exortação à santidade. Ele chama atenção de que a *Torá*, quando cita determinada lei dietética, incluindo o texto de Deuteronômio 14.21, termina assim: “[...] porque és povo consagrado ao Eterno, teu Deus”. Não cozerás o cabrito com o leite da sua mãe.<sup>140</sup>

Neste ponto entende-se a anedota contada pelo guia judeu em Israel, durante o curso de Arqueologia Bíblica.<sup>141</sup> Nela ele relata exatamente o desenvolvimento do entendimento rabínico em relação à prescrição bíblica, relacionando-a com leis dietéticas.

---

<sup>139</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 176.

<sup>140</sup> BIRNBAUM; ROSENBERG, 2003, p. 20.

<sup>141</sup> A anedota abre a introdução do presente trabalho.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO A PARTIR DA CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO

O texto bíblico “Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe” é entendido pelos judeus como parte das leis dietéticas que Moisés teria recebido diretamente da parte de Deus no Sinai. O presente capítulo procura interpretar essa proibição judaica, levando em conta a interação alimentar entre carne e leite na visão da ciência nutricional. Será que existe algum nutriente na carne ou leite que justifique a ação de não misturá-los durante a refeição? A análise será feita de forma sucinta, levando em consideração a interação alimentar dos nutrientes da carne com os nutrientes do leite.

#### 3.1 Nutrição humana como ciência

Nutrição, de acordo com Gibney, é aquilo que escolhemos para nos alimentar. Sentir fome é necessidade básica do ser humano. A busca do ser humano por alimento ajudou-o a se organizar em sociedade, além de influenciar nas guerras, no aumento populacional, na economia, política, religião, ciência, medicina e tecnologia. A nutrição só surgiu como ciência na segunda metade do século XVIII, quando cientistas observaram que o consumo de alimento protege o corpo humano contra doenças, além de restabelecer a saúde e influenciar nas funções do corpo.<sup>142</sup>

A ciência da nutrição procura estudar os alimentos e sua relação com a saúde do indivíduo. “Estuda o valor nutritivo, o metabolismo, o equilíbrio das dietas e os fatores sociais, psicológicos, culturais e econômicos que interferem como causa e consequência da saúde”.<sup>143</sup>

O ser humano é levado à busca constante por alimentos devido a várias razões, dentre elas a sobrevivência, a saúde, dietas, religião, questões político-sociais, ciências e tecnologia. Vamos comentar aqui somente a influência da religião judaica na alimentação, especificamente o consumo de carne e leite.

---

<sup>142</sup> GIBNEY, Michael J. II. Vorster, Hester H. III. Kok, Frans J. IV. *Introdução À Nutrição Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1.

<sup>143</sup> KALIL, Aldonia Cekaunaskaset al. *Manual básico de nutrição*. 2. ed. ver. e aum. São Paulo: Instituto de Saúde, n. 34, 1979. p. 10.

### 3.2 Religião e alimento

A religião faz parte do alicerce de muitas culturas. Desde os primórdios da criação humana, o ser humano teve necessidade de comunicar-se com um ser superior, procurando auxílio, tentando elucidar algumas dúvidas, incluindo o temor da morte. Assírios, babilônicos, hititas, persas, hebreus, fenícios, cartagineses, gregos e romanos ofereciam sacrifício de cordeiros, bodes ovelhas e outros animais a fim de estabelecer contato com o divino. No cristianismo, Deus teria mandado seu próprio filho, Jesus Cristo como sacrifício, que deu o sangue (simbolizado pelo vinho) e o corpo (simbolizado pelo pão), para redimir os pecados da humanidade. “Mitos, mandamentos, leis e normas relativas a alimentos guardam relações com fatores espirituais, emocionais, distantes e, sobretudo, importantes para sustentar uma crença”.<sup>144</sup>

A religião influencia diretamente determinados hábitos alimentares, ultrapassando os limites do entendimento humano. Os motivos que levam o hindu a não comer carne não são os mesmos dos israelitas quanto à ingestão de carne de porco, ou os dos cristãos quanto a ingerir carne na sexta-feira santa. O ser humano busca utilizar alimentos para chegar ao divino, como é o caso do culto das Vestais, em Roma, as comidas oferecidas aos “orixás” no candomblé, ritos e magias ligadas à colheita, “a exemplo da Ceres dos Gregos, da Chicome dos Astecas, deusas, respectivamente, do trigo e do milho, em cujas festas são servidos pratos em que entram esses cereais”. O taoísmo na China, misto de medicina e magia, estabelece uma alimentação vegetariana. O xen dos chineses e o budismo proíbem a ingestão de carne de animal sacrificado. O islamismo também condena o uso da carne de porco e estabelece jejuns aos seus adeptos.<sup>145</sup>

As dietas já eram observadas pelos povos primitivos. Nesse tempo, restrições alimentares como no caso de gestação, puerpério, menstruação dentre outros eram praticadas. Em 2100 antes da era cristã, o Código de Hamurabi reconhece as propriedades terapêuticas do regime alimentar. Em 1290 a.C. os hebreus tinham em seu poder todo um código dietético de alimentos permitidos ou proibidos.<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> ORNELLAS, 2003, p. 277.

<sup>145</sup> ORNELLAS, 2003, p. 278.

<sup>146</sup> ORNELLAS, 2003, p. 278.

### 3.3 Vivência, sobrevivência e normas alimentares

No Antigo Egito era farta a mesa dos faraós. Comia-se trigo, cevada, pão. Bebia-se cerveja e hidromel. Os egípcios plantavam, colhiam e tratavam os grãos, conservando-os em armazéns frescos e secos. Fabricavam farinha e pão, foram pioneiros no preparo de pães feitos com massa azeda ou fermentada. Referenciavam o alho e faziam juramentos ao deus couve, colocavam buques de cebola nas mãos de suas múmias. O papiro de Ebers contém a primeira prescrição dietética egípcia que se tem notícia. Ela contém um hino de louvor a Ptah, deus egípcio, enaltecido como sendo o supremo filho de Deus. O Império Egípcio começou a declinar no ano 170 a.C. depois do domínio dos reis hicsos. Neste período, José interpretou o sonho do faraó, profetizando sete anos de fartura e sete anos de escassez, e seus irmãos, hebreus, vieram até ele buscar provisões de trigo.<sup>147</sup>

Na história dos hebreus, entre a saída do Egito e a conquista de Canaã, o povo permanece no deserto por quarenta anos à procura da “terra que mana leite e mel”. No sol escaldante, na aridez do deserto, com seus animais desnutridos, o povo sonha com a terra prometida, uma terra com água em abundância. Uma terra com água tem pastos verdejantes para alimentar seus animais e leite para os homens. As abelhas produzem mel por toda parte. O que mana em abundância não é leite ou mel e sim água. Neste sentido, a terra prometida se opõe ao deserto.<sup>148</sup>

O leite é a base da alimentação desse povo nômade. O mel para eles representa a doçura da vida, já que nesta época desconheciam o açúcar. E assim eles imaginam como seria a terra irrigada por chuva: “porque o Senhor, teu Deus te faz entrar numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes [...] terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras [...] tu comerás e ficarás saciado” (Dt 8.7-10). No entanto, nem tudo na tão sonhada terra pode ser consumido. Moisés definiu regras e proibiu alguns alimentos que os esperava após a travessia. Os sacerdotes não podem ingerir vinho antes e durante o culto (Lv 10.9-11). O mel não deve ser oferecido ao Senhor (Lv 2.11). A proibição de “Não cozer o cabrito no leite de sua mãe” (Ex 23.19 e 34; Dt 14.21) é anunciada três vezes na Bíblia.<sup>149</sup>

<sup>147</sup> ORNELLAS, 2003, p. 18.

<sup>148</sup> FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 80.

<sup>149</sup> FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 81.

Na visão de Jean Soler, a proibição referente a cozinhar a carne do cabrito no leite da mãe procura evitar um incesto culinário. A relação afetiva entre mãe e filho é proibida em algumas leis: “Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe; ela é tua mãe; não descobrirás a nudez” (Lv 18.7). Uma mulher não pode ser híbrida, mãe e esposa do mesmo homem. Na ordem do mundo, as relações sexuais não fazem parte das relações de parentesco. Não se deve colocar o filho e sua mãe na mesma panela, da mesma forma em que mãe e filho não podem deitar na mesma cama. Aqui se compara o fogo da cozinha ao calor erótico. No judaísmo pós-bíblico, ao longo do tempo, a proibição incluiu outros animais além do cabrito, que não podem ser cozidos em nenhum leite, não importando a origem deste leite. O temor de que, se não for misturado na mesma panela a mãe e o filho, sejam misturados após a ingestão no mesmo estômago, fez com que os judeus instituíssem determinadas regras ou cuidados, tais como, evitar consumir alimentos preparados com carne e leite na mesma refeição, misturar os utensílios que devem ser usados para o preparo ou o consumo de carne e de leite, além, do cuidado com o tempo de espera entre a ingestão da carne e do leite.<sup>150</sup>

O híbrido é proibido em toda sociedade hebraica. No projeto da criação, cada animal está ligado a um elemento (terra, água ou ar). Um animal que pertença a dois elementos é considerado impuro. Por exemplo, o avestruz, que tem asas, mas que, em vez de voar pelos ares corre sobre a terra, é impuro. Os animais como o lagarto e o camaleão têm patas, mas rastejam sobre a terra; o cisne, o pelicano e a gaivota são animais que transitam entre dois elementos (água e ar) são impuros. Para ser puro um animal deve respeitar o lugar que lhe foi fixado no projeto da criação, ele só pode pertencer a um dos três elementos terra, água ou ar.<sup>151</sup>

Não se deve plantar trigo e cevada juntos no mesmo campo (Lv 19,19). Um homem não pode usar uma roupa (híbrida), lã e linho ao mesmo tempo (Lv 19.19 e Dt 22.11). Um ser humano não pode se comportar como outro, por exemplo: ser homem e se comportar como mulher (Lv 18.22) e (Dt 22.5). Ou seja, o ser humano não pode ser “híbrido”.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 86.

<sup>151</sup> BARNAVI, Élie (Diretor). *História Universal dos Judeus: da gênese ao fim do século XX*. São Paulo: Cejup, 1995. p. 7.

<sup>152</sup> FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 85.

### 3.4 A carne e seus nutrientes

A carne é de importância ímpar no mundo mediterrâneo, por tratar-se de um alimento que necessita do abate de um animal. Servida em grandes festas, auxiliava o contato social entre os seres humanos; ligada ao sacrifício, estabelecia contato entre deuses e seres humanos. A escolha de qual animal poderia servir para alimentação humana decorria da diversidade de sua cultura. Por exemplo, na Europa, os franceses comem escargots e rãs, enquanto a sopa de tartaruga é apreciada pelos ingleses e o bucho de carneiro é uma peculiaridade escocesa. Religiões como o judaísmo e o islamismo consideram impróprios para o consumo o porco, a enguia, o esturjão e suas ovas, mariscos e crustáceos apreciados pela maioria dos europeus. Já os hindus proíbem o consumo de todo tipo de carne animal.<sup>153</sup>

A carne é formada pelos tecidos que recobrem o esqueleto de animais, incluindo músculos, gorduras e vísceras.<sup>154</sup> Neste sentido, entendemos a razão pela qual os judeus consideram como carne, nas prescrições alimentares, além da carne vermelha, a carne de aves. Cozzolino, ao classificar as carnes em vermelhas e brancas, destaca que as carnes vermelhas provêm de bovinos, búfalos, ovinos, caprinos, suínos, equídeos e coelhos e as carnes brancas são oriundas de aves e peixes.<sup>155</sup>

A compreensão da carne e seus nutrientes se faz necessária para entender a interação entre os nutrientes da carne e do leite. Neste aspecto, nesta parte serão apresentados os nutrientes da carne, função, carências ou excessos do mesmo no ser humano. Posteriormente, será avaliada a ação mútua desses nutrientes no organismo humano. Os nutrientes “são substâncias formadoras dos alimentos, que possuem características nutritivas ou funções biológicas diferentes”. As proteínas, gorduras, hidratos de carbono, vitaminas, minerais e água são exemplos de nutrientes.<sup>156</sup>

Os principais nutrientes contidos na carne são: proteínas, gorduras, vitaminas (vitamina B6, vitamina B12, niacina e biotina), minerais (ferro, cobre, cromo e zinco)

---

<sup>153</sup> FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 29.

<sup>154</sup> COZZOLINO, Silvia Maria Franciscato, [organizadora]. *Biodisponibilidade de Nutrientes*. 3. Ed. Atual. e ampl. Barueri, São Paulo: Manole, 2009. p. 169.

<sup>155</sup> COZZOLINO, 2009, p. 169.

<sup>156</sup> KALIL, 1979, p. 15.

e água. Seu valor nutritivo é determinado principalmente pela proteína, ou seja, a proteína é o nutriente predominante da carne. A existência deste nutriente é comum a todo tipo de carne. Seu teor proteico não é alterado pelo processo de cocção e preparo.<sup>157</sup>

Proteínas ou protídeos são indispensáveis para o ser humano. Sua função principal é reparar e manter os tecidos, promovendo o crescimento, formando novas células, conservando os tecidos através de reposição de células mortas.<sup>158</sup> A proteína existente na carne também pode ser chamada de “proteína completa”, por possuir os aminoácidos essenciais ao organismo.<sup>159</sup> As principais proteínas das fibras musculares são a actina e a miosina, responsáveis pelo deslizamento no momento da contração muscular. O tecido conjuntivo da carne é formado por colágeno e elastina. O colágeno é responsável pelo endurecimento da carne. Nas carnes brancas, encontramos tecido conjuntivo em menor quantidade e, por esta razão, elas são mais macias. A proteína encontrada na carne é importante pela disponibilidade de aminoácidos essenciais ao organismo e à sua digestibilidade.<sup>160</sup>

A falta de proteínas no organismo humano causa desnutrição proteica, que é o “estado patológico originado do consumo deficiente de alimentos e de ingestão calórica inferior ao padrão exigido pelo organismo, durante período prolongado”. Podendo ocasionar perda de peso e retardo no crescimento.<sup>161</sup>

As vitaminas “são compostos orgânicos necessários para a manutenção da saúde normal”. Elas participam em pequenas quantidades no metabolismo de outros nutrientes. Não podem ser sintetizadas pelo organismo. Este absorve as vitaminas através da ingestão de alimentos pelo ser humano. As vitaminas podem ser classificadas em lipossolúveis (dissolvidas em gorduras ou solventes de gordura) e hidrossolúveis (solúveis em água).<sup>162</sup> Abaixo, destacaremos as vitaminas existentes na carne, a saber: vitamina B6, vitamina B12, niacina e biotina. Estas fazem parte

---

<sup>157</sup> KALIL, 1979, p. 55.

<sup>158</sup> KALIL, 1979, p. 202.

<sup>159</sup> O aminoácido é um composto orgânico que compõe a estrutura da proteína. Ele é necessário para que o organismo possa sintetizar suas próprias proteínas. Os aminoácidos essenciais são aqueles que o organismo não é capaz de produzir sozinho em quantidade suficiente para satisfazer suas necessidades, devendo ser absorvidos através de alimentos. KALIL, 1979, p. 15-16.

<sup>160</sup> PHILIPPI, Sonia Tucunduva: *Pirâmide dos Alimentos: Fundamentos básicos da nutrição*. Barueri, São Paulo: Manole, 2008. p. 170.

<sup>161</sup> KALIL, 1979, p. 61.

<sup>162</sup> KALIL, 1979, p. 24.

das vitaminas do Complexo B e geralmente são encontradas no mesmo alimento, sendo raros os quadros de carência de uma única vitamina do complexo.<sup>163</sup>

A vitamina B6 (Piridoxina) é um composto hidrossolúvel. Tem papel importante, pois participa das ações metabólicas das células. Sua deficiência é rara, pois é encontrada em muitos alimentos.<sup>164</sup>

A vitamina B12 (Cianocobalamina) é um grupo de compostos que contém cobalto. A vitamina é sintetizada apenas pela ação de bactérias, algas e fungos. Sua deficiência causa a anemia perniciosa, razão pela qual essa vitamina é normalmente conhecida como antianêmica. A doença provoca palidez associada à fadiga e cansaço fácil.<sup>165</sup>

A Niacina (Ácido Nicotínico) é uma vitamina encontrada sob a forma de dois compostos: ácido nicotínico e nicotinamida. No organismo, ela tem ação em quase todas as reações bioquímicas do metabolismo dos macronutrientes para obtenção de energia. É absorvida no estômago e intestino, sendo que, a síntese dessa vitamina não se realiza sem a presença da vitamina B6. Seu excesso é excretado na urina. As principais fontes dessa vitamina são as vísceras, as carnes e os peixes. Sua deficiência pode causar pelagra, “*pelle*” + “*agra*” (pele rugosa).<sup>166</sup> A pelagra é uma patologia carencial frequente em regiões onde o milho constitui a base da alimentação, devido ao baixo conteúdo de niacina neste cereal.<sup>167</sup>

A Biotina é uma vitamina sulfurada. No organismo ela atua no metabolismo das proteínas e dos lipídios para obtenção de energia. É absorvida no intestino delgado e é excretada pela urina. É encontrada principalmente no fígado bovino. Sua deficiência causa dermatites (inflamação da pele), erupções cutâneas, alopecia (queda de cabelos), retardo no desenvolvimento, conjuntivites (inflamação da conjuntiva), perda de acuidade visual e auditiva, dentre outros.<sup>168</sup>

Os minerais são nutrientes necessários aos processos vitais do organismo, atuam na formação da estrutura óssea, fazem parte da composição de líquidos corporais, juntam-se aos compostos orgânicos, participam como enzimas em

---

<sup>163</sup> KALIL, 1979, p. 29.

<sup>164</sup> PHILIPPI, 2008, p. 199. Metabolismo são todas as transformações físicas e químicas ocorridas no organismo, envolvendo ações para dar energia, continuar o crescimento e o funcionamento do organismo. KALIL, 1979, p. 167.

<sup>165</sup> KALIL, 1979, p. 202.

<sup>166</sup> PHILIPPI, 2008, p. 204 e 206.

<sup>167</sup> KALIL, 1979, p. 31.

<sup>168</sup> PHILIPPI, 2008, p. 206.

reações metabólicas.<sup>169</sup> Os minerais atuam em conjunto. A carência ou excesso de um deles pode afetar os demais. Dos minerais, os mais comumente encontrados na carne são o ferro, o cobre, o cromo e o zinco.<sup>170</sup>

O ferro é encontrado em todas as células vivas de animais ou vegetais. Em sua maioria é encontrado ligado a duas proteínas: hemoglobina e mioglobina. A primeira está relacionada à célula vermelha do sangue e a segunda, às células musculares. O papel da hemoglobina é transportar o oxigênio por todo o corpo através do sangue. A mioglobina é responsável pelo transporte e armazenamento do oxigênio para os músculos.<sup>171</sup>

Este metal compõe a estrutura do heme, molécula indispensável ao metabolismo de energia. O ferro heme é proveniente da hemoglobina e mioglobina da carne. O ferro não heme é oriundo de alimentos vegetais e de laticínios. Os eritrócitos, células vermelhas do sangue, contêm a maior parte do ferro do organismo humano, na forma de hemoglobina. Nos indivíduos adultos, a quantidade de ferro necessária é de 1 mg/dia. Nas mulheres em idade fértil, na fase final da gestação, na infância e adolescência, a quantidade de ferro absorvida pelo organismo deve ser mais alta.<sup>172</sup>

O ferro heme e não-heme são absorvidos no organismo de forma diferente. O ferro não-heme é solubilizado pelo ácido clorídrico contido no estômago. Sua absorção pode ser afetada de forma positiva pelo ácido ascórbico. Alguns alimentos afetam negativamente sua absorção. Dentre eles podemos citar: chá, chocolate, cálcio e a maioria dos vinhos tintos.<sup>173</sup>

A absorção do ferro heme é pouco afetada por fatores dietéticos. No entanto, o cálcio limita a absorção do metal, enquanto a ingestão de carne na alimentação age como facilitador nessa absorção. As carnes vermelhas, carnes de aves, de porco, de peixes e mariscos são as principais fontes de ferro na forma heme.<sup>174</sup>

A deficiência de ferro é causada pela ingestão inadequada de alimentos que contenham ferro, à falta destes ou pela perda sanguínea, já que 80% do ferro do

---

<sup>169</sup> Enzima é uma proteína produzida por células vivas, que aumenta a velocidade de uma reação bioquímica específica. KALIL, 1979, p. 85.

<sup>170</sup> KALIL, 1979, p. 36.

<sup>171</sup> SIZER, Frances Sienkiewicz; WHITNEY, Eleonor Noss. *Nutrição: Conceitos e Controvérsias*. 8. ed. Barueri, SP: Manole, 2003. p. 284.

<sup>172</sup> PHILIPPI, 2008, p. 184-185.

<sup>173</sup> PHILIPPI, 2008, p. 184-185.

<sup>174</sup> PHILIPPI, 2008, p. 185.

corpo são encontrados no sangue.<sup>175</sup> A carência de ferro leva a anemia ferropriva (anemia hipocrômica). Os principais sinais e sintomas da doença são: palidez, fraqueza, fadiga, dificuldade de respirar e menor resistência às infecções.<sup>176</sup>

O cobre também é um nutriente importante no metabolismo do ser humano. Este mineral tem como função vital ajudar a formar a hemoglobina e o colágeno. Juntamente com o ferro, contribui para as principais reações, gerando energia. Sua deficiência pode causar danos ao crescimento e ao metabolismo. Ingerir grandes quantidades de zinco compromete a absorção do cobre, podendo ocasionar deficiência. No entanto, a deficiência do mineral no ser humano é rara. As vísceras, os frutos do mar e as sementes são as principais fontes de cobre.<sup>177</sup>

O cromo é encontrado nos alimentos na forma trivalente. Tem como função controlar a concentração de glicose no sangue. Sua deficiência causa um tipo de diabetes, estado de alta concentração de glicose no sangue. As principais fontes são: fígado, grãos integrais, nozes e queijos.<sup>178</sup>

O zinco auxilia na produção do material genético das células, na síntese da hemoglobina, na função imunológica, cicatrização de feridas, produção de esperma, desenvolvimento do feto, crescimento e desenvolvimento da criança, ajuda na visão e no paladar. Sua deficiência prejudica todas as funções relatadas acima. Pesquisas realizadas no Oriente Médio com crianças e adolescentes do sexo masculino demonstraram que os mesmos consumiam uma dieta pobre em proteína animal e rico em grãos integrais e leguminosas. Esta dieta limitava a absorção de zinco e ferro afetando o crescimento e reduzindo a resposta imunológica do organismo, aumentando a probabilidade de infecções.<sup>179</sup>

O excesso de zinco pode causar doenças, levando até mesmo à morte. Em grandes quantidades, o zinco inibe a absorção do ferro e vice-versa. No entanto, os dois nutrientes são encontrados juntos nos alimentos em doses seguras, não trazendo prejuízo ao organismo. As melhores fontes de zinco são as carnes, frutos do mar e aves.<sup>180</sup>

---

<sup>175</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 284.

<sup>176</sup> KALIL, 1979, p. 39.

<sup>177</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 293. Hemoglobina, pigmento respiratório responsável pela cor dos glóbulos vermelhos, com capacidade de agregar ou liberar oxigênio e receber gás carbônico. KALIL, 1979, p. 125.

<sup>178</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 292.

<sup>179</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 289.

<sup>180</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 290.

A água é o principal nutriente do organismo, participa da composição de todos os líquidos e células corporais, serve como meio de transporte de nutrientes e substâncias, regula a temperatura corporal e lubrifica as articulações. Ela é eliminada através da pele (suor e evaporação), pulmões (expiração), rins (urina) e intestinos (fezes). Podem ocorrer perdas através de secreções (láctea, lacrimal, nasal), vômitos, diarreias, hemorragias e ferimentos exsudativos. “A água normalmente consumida, ou seja, a água potável, é considerado alimento e a água de composição de alimentos, sejam eles sólidos ou líquidos é considerada nutriente”. A falta de água causa desidratação, perdas de 20 a 22% podem levar à morte.<sup>181</sup>

### 3.5 Leite

O leite era um alimento muito utilizado pelos povos antigos. Na Bíblia há mais de 50 referências à utilização do leite de ovelha, cabra e vacas. O Antigo Testamento apresenta várias passagens que demonstram a utilização do leite e a manteiga pelo povo de Israel. O leite podia ser servido in natura, fermentado, coalhado e, até engarrafado, servido por Jael a Sícera (Jz 4.19). Abraão ofereceu coalhada e leite aos três anjos (Gn 18.8). No antigo Egito, o leite era armazenado em vaso especial, ornamentado. Ornellas demonstra o desenho feito em um desses vasos em que se observa uma mulher, com uma criança enferma sobre seus joelhos, representando Isis amamentando seu filho Horus. Provavelmente, no Egito, na época ptolomaica, os filhos, em especial os varões, recebiam o leite materno até os três anos de idade, cuja educação formal iniciava no quarto ano de vida, na casa dos tutores.<sup>182</sup>

O leite materno é o principal alimento para crianças no primeiro ano de vida. Em Israel, quase 100% das mães amamentam seus filhos: destes 40% alimentam-se de carne aos 10 meses, 60% só muito tempo depois. De acordo com a Bíblia, Sara, aos 90 anos, amamentou seu filho Isaac.<sup>183</sup> “ Ela disse também: Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria filhos! Pois lhe dei um filho na sua velhice.

---

<sup>181</sup> KALIL, 1979, p. 41.

<sup>182</sup> ORNELLAS, 2003, p. 19.

<sup>183</sup> ORNELLAS, 2003, p. 271.

A criança cresceu e foi desmamada, e Abraão deu grande festa no dia em que Isaac foi desmamado” (Gn. 21.7-8).<sup>184</sup>

O leite é obtido através da glândula mamária das fêmeas dos animais mamíferos, e é o único alimento oferecido na primeira fase da vida. O mais consumido é o de vaca. No entanto, os leites de outros animais podem fazer parte da nutrição humana. Geralmente em zonas rurais, utiliza-se o leite de cabra, por ser comum sua criação doméstica. Ele detém muitos nutrientes dentre os quais os principais são: Proteínas e aminoácidos, gorduras, cálcio, fósforo, vitaminas A, D e B2 e água. É de elevado valor nutritivo. Entretanto, é pobre em ferro e vitamina C.<sup>185</sup>

O cálcio é um mineral abundante no organismo, de elevado valor nutritivo. Está presente em sua maioria nos ossos e dentes, e em menor quantidade no sangue. Dentre suas funções no corpo humano, podemos citar a construção e manutenção de ossos e dentes. Ele participa na atividade de contração muscular e no processo de coagulação do sangue, regula os batimentos cardíacos e controla a irritabilidade. É absorvido no intestino e seu excesso é liberado pelas fezes e pela urina.<sup>186</sup>

O leite e seus derivados são as principais fontes de cálcio. Sua deficiência causa uma doença denominada osteoporose (descalcificação). Ela decorre da deposição insuficiente de cálcio no osso. Quando o ser humano apresenta perda óssea, perde a força do esqueleto, ocorrendo fraturas ao menor esforço. O leite de cabra possui 112mg de cálcio em 100 gramas ao passo que no leite de vaca encontramos 143mg em 100g de leite.<sup>187</sup>

A alta concentração de cálcio no organismo provoca formação de cálculos renais, hipercalcemia (níveis elevados de cálcio no sangue) e inibição de outros nutrientes, dentre eles o ferro, zinco e o magnésio.<sup>188</sup>

O fósforo é encontrado nos ossos e nos tecidos moles (em menor quantidade) e no sangue. É absorvido no intestino e excretado pelos rins. No organismo humano, ele dá suporte ao crescimento dos tecidos (durante o desenvolvimento individual, na gravidez e na lactação). Sua deficiência causa hipofosfatemia, doença caracterizada

---

<sup>184</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p. 60.

<sup>185</sup> KALIL, 1979, p. 47.

<sup>186</sup> COZZOLINO, 2009, p. 148.

<sup>187</sup> COZZOLINO, 2009, p. 150-151.

<sup>188</sup> GIBNEY, 2005, p. 165.

por falta de apetite, anemia, fraqueza, dor óssea, podendo ocasionar a morte, raquitismo nas crianças e osteomalacia nos adultos.<sup>189</sup>

Vitamina A é uma vitamina lipossolúvel, conhecida como retinol, por causa de sua função na retina do olho. Ao se cozinhar alimentos que contenham vitamina A, como no caso do leite, observa-se pequenas perdas desta vitamina. Sua deficiência causa cegueira noturna, também é necessária na formação do esmalte dos dentes, ajuda na proteção contra infecções e tem função anticancerígena.<sup>190</sup>

A vitamina D (Calciferol), pode ser sintetizada na pele através da ação de raios solares. Ela é essencial para o crescimento e formação de ossos e dentes. É absorvida no intestino. A deficiência causa osteomalacia nos adultos e raquitismo nas crianças.<sup>191</sup>

Vitamina B2 (Riboflavina) pertence ao grupo de pigmentos fluorescentes. Contribui para preservação dos tecidos e têm ação na fisiologia ocular. É pouco solúvel na água, possui relativa resistência ao calor. No entanto, essa vitamina é facilmente destruída por exposição à luz solar. Quando o leite é armazenado em recipientes de vidro, a luz solar colabora para a perda desta vitamina. É absorvida no intestino delgado. Sua deficiência pode causar problemas relacionados a lesões na língua, lábios, nariz e olhos.<sup>192</sup>

### 3.6 A interação nutriente-nutriente

Na interação entre nutrientes, pode ser observada uma gama de efeitos adversos. Os riscos de interações adversas aumentam quando existe um desequilíbrio na ingestão destes. “A ingestão excessiva de um nutriente pode interferir com a absorção, excreção, transporte, armazenamento, função ou metabolismo de um segundo nutriente”.<sup>193</sup> Aqui se procura entender se algum nutriente existente na carne pode ter ação adversa sobre os nutrientes existentes no leite ou vice-versa, algo que justifique cientificamente a interdição judaica de não misturar alimentos que possuam na sua constituição carne com alimentos preparados à base de leite.

---

<sup>189</sup> GIBNEY, 2005, p. 170.

<sup>190</sup> PHILIPPI, 2008, p. 153.

<sup>191</sup> Osteomalácia é uma doença caracterizada por desmineralização da matriz do osso, provocando fraqueza nos ossos e músculos e aumento de fraturas.

<sup>192</sup> PHILIPPI, 2008, p. 159-160.

<sup>193</sup> COZZOLINO, 2009, p. 22.

### 3.6.1 Interação cálcio-proteína

As proteínas elevam a eliminação de cálcio através da urina. Ao duplicar a quantidade de proteína na dieta, aumenta-se a excreção de cálcio urinário em 50%. Estudos demonstram que o consumo de grande quantidade de proteína, além de elevar o cálcio urinário, aumenta sua absorção intestinal. Neste caso, há uma elevada perda de cálcio através da urina, podendo causar osteoporose e problemas na recuperação de pacientes com fraturas de quadril.<sup>194</sup>

### 3.6.2 Interação ferro-cálcio

Hoje em dia recomenda-se o aumento de ingestão de cálcio durante todas as fases da vida para prevenção do risco de osteoporose (condição que envolve a perda da matriz e do mineral do osso, tornando-o mais fraco e suscetível à fratura). No entanto, deve-se ter cuidado com a alta ingestão do cálcio, pois, este exerce um efeito inibitório na absorção do ferro. Estudos realizados com seres humanos comprovam que alguns suplementos de cálcio podem inibir a absorção de ferro inorgânico quando ingeridos concomitantemente. Estudos realizados sobre a absorção do ferro em indivíduos que apresentam estado nutricional normal, utilizando radioisótopos, indicaram inibição moderada da absorção do ferro não-heme pelo cálcio. Mulheres na menopausa (cessação da menstruação), apresentaram uma redução na absorção de ferro em cerca de 50 a 60%, após adição de 500 mg de cálcio na dieta. No mesmo estudo, grau semelhante de inibição ocorreu quando foram adicionadas quantidades comparáveis de cálcio na dieta na forma de derivados do leite. Participaram do estudo 21 mulheres, e a duração do experimento foram de 10 dias.<sup>195</sup>

Cozzolino adverte que o cálcio afeta tanto a forma heme como a não heme do ferro. Já a proteína da carne melhora a absorção do ferro. No leite materno, a biodisponibilidade do ferro é baixa. Na infância, a ingestão de leite, associada à

---

<sup>194</sup> COZZOLINO, 2009, p. 521.

<sup>195</sup> COZZOLINO, 2009, p. 579.

pequena quantidade de carne ingerida, é a causa mais comum de anemia nesta fase da vida. A solução é a utilização de alimentos fortificados com ferro.<sup>196</sup>

Sizer observa que na interação alimentar entre os nutrientes da carne e do leite na dieta humana foram observados que nutrientes como o cálcio, cuja fonte principal é o leite e seus derivados, prejudicam a absorção do ferro pelo organismo. Além do cálcio, outros fatores podem prejudicar a absorção do ferro: chá, café, fósforo no leite, fitatos e taninos encontrados em cereais integrais. O fator MFP e a vitamina C aumentam a absorção do ferro.<sup>197</sup>

Os lactentes em geral alimentam-se principalmente de leite materno ou leite de vaca industrializado. No entanto, estudos comprovam que o leite de vaca *in natura*, não modificado, não é recomendado para crianças antes do primeiro ano de vida. O aparelho digestório do bebê pode ser sensível à proteína, podendo causar sangramento e deficiência de ferro. Devido ao consumo excessivo de leite, as crianças entre 6 meses e 3 anos podem apresentar anemia por deficiência de ferro, chamada anemia do leite. Isto ocorre porque o suprimento de ferro que foi armazenado pelo organismo da criança antes do nascimento esgota-se antes do primeiro ano. Por isso se recomenda o consumo de cereais enriquecidos com ferro, depois carne, além da ingestão de alimentos ricos em vitamina C, a fim de aumentar a absorção.<sup>198</sup>

A ciência da nutrição não faz referência à mistura de carne e leite da forma como é analisada pelo judaísmo. No entanto, ao estudar a interação entre os nutrientes, sua relação de absorção, excreção, deficiência e excesso nos leva a concluir que o cálcio contido no leite interfere na absorção do ferro heme contido na carne, podendo levar a anemia. Após consumir alimentos que contenham ferro em sua composição, o ideal é não ingerir alimentos com cálcio, como iogurtes, sorvetes, leite e derivados.

---

<sup>196</sup> COZZOLINO, 2009, p. 582.

<sup>197</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 287. "Fator MFP é um fator de origem desconhecida presente na carne, peixes e aves, que aumenta a absorção de ferro". SIZER; WHITNEY, 2003, p. 287

<sup>198</sup> SIZER; WHITNEY, 2003, p. 287. "Anemia de leite: anemia causada pela ingestão excessiva de leite, inibindo a absorção do ferro". SIZER; WHITNEY, 2003, p. 287.

## CONCLUSÃO

A pesquisa se propôs a investigar um curioso preceito bíblico descrito na Bíblia, em dois contextos diferentes do livro de Êxodo e em Deuteronômio. “Não cozerás o cabritinho no leite de sua própria mãe”. Escrito há milhares de anos, influencia e diferencia a cultura alimentar do povo judeu até os dias de hoje. A investigação científica percorreu três linhas de pensamento relacionadas ao texto: a teologia, a cultura judaica e a nutrição humana.

No primeiro capítulo, realizou-se um estudo teológico do texto, situando-o brevemente nos três contextos diferentes: no “Código da Aliança”, no “Código Cultural” e no “Código Deuteronômio”. Nos dois primeiros, a prescrição bíblica é apresentada após a legislação referente às três festas anuais. Em um contexto de sacrifício e oferta das primícias, uma parte era oferecida aos sacerdotes, outra era sacrificada, dentre estas, os caprinos. Entende-se que sendo uma formulação “apodítica”, construída através da criação e crença religiosa israelita, sem paralelos em outra legislação do Oriente Médio, a interpretação do preceito se torna difícil. No entanto, o autor não estava preocupado em explicar a razão do referido preceito. Seu foco era a interdição da prática de cozer o cabrito no leite de sua própria mãe. É provável que o povo existente na época soubesse o motivo, não carecendo de explicações. A importância da lei é notada ao ser repetida novamente no contexto da época da monarquia tardia, que talvez tenha servido de base para a reforma religiosa josiânica. Na classificação de animais limpos e impuros, observa-se que o cabrito e sua mãe não são impuros, visto que ruminam e têm o casco fendido. A advertência refere-se a não cozinhar o cabrito no leite de sua própria mãe.

Apresentaram-se em outro momento algumas conclusões de estudos realizados por renomados teólogos a respeito da lei. Nota-se que os mesmos seguem basicamente três linhas de pensamento: primeiramente, o texto teria sido escrito contra um ritual cananeu, com base num texto ugarítico (KTU 1.23.14), de “cozinhar o cabrito no leite, e o cordeiro no creme”, ligado à magia dos cultos de fertilidade. Outro fator que leva ao entendimento do texto como ritual deve-se ao fato do mesmo no livro de Êxodo estar inserido no contexto de sacrifício. Neste caso, o sentido da restrição é estritamente religioso. Israel, como povo escolhido por Deus, deveria abster-se de rituais e práticas realizadas por outros povos.

Outra linha de pesquisa reconhece o sentido ecológico da prescrição. O que serve para alimentação do filho não pode ser utilizado para cozê-lo. É contra as normas da natureza, é um ato de respeito entre mãe e filho. Além disso, o abate era feito sem misericórdia. Não concordo com esta afirmação, pois deixa livre a cocção de outros animais no leite de sua própria mãe, já que a regra é apenas para o cabrito. Para mim, a lei só se justifica em um contexto de sacrifício como parte de um ritual que deveria ser evitado. Conseqüentemente, ingerir como alimento um cabrito no leite de sua própria mãe era um ato indecoroso, sendo, portanto, em Deuteronômio, impuro.

E, por fim, alguns teólogos declaram que o contexto histórico-religioso dessa proibição deve ficar em aberto, ou seja, sem nenhuma afirmação até que a relação entre animal-cria e a força de determinadas deusas seja esclarecido. Nota-se que há divergências entre os exegetas, e que até o momento o real motivo da prescrição continua sendo uma incógnita.

A dúvida relacionada ao entendimento da lei pelos exegetas não é compartilhada pelos israelitas. Para eles, a lei só tem uma explicação. Ela está relacionada diretamente com as Leis Dietéticas – *Kashrut*. Descrita três vezes na *Torá Escrita*, é interpretada na *Torá Oral* como extensivo a toda carne ou leite de todo animal. A princípio, a interdição estava relacionada apenas às carnes vermelhas. Posteriormente, os rabinos, com o objetivo de defender este estatuto, estenderam a proibição também para alimentos preparados com aves. Com o passar do tempo foi introduzida a separação de utensílios para que qualquer objeto que tenha tido contato com alimentos preparados à base de carne pudesse ser utilizado na preparação de pratos confeccionados à base de leite. Além de todos esses cuidados, os rabinos introduziram um tempo de espera após a ingestão de um ou outro. Este tempo não é o mesmo para todos os judeus: ele depende da cultura local, sendo em média de três a seis horas. Para os judeus, o importante não é explicar o interdito, mais cumpri-lo fielmente.

A pesquisa foi conduzida ao estudo nutricional humano, levando-se em conta o entendimento judaico de não ingerir concomitantemente alimentos preparados à base de carne dos alimentos preparados à base de leite. Após uma rápida análise dos principais nutrientes contidos na carne e no leite, foram apresentados estudos relacionados à interação alimentar nutriente-nutriente. Procurou-se verificar, nesta parte, a interação entre o cálcio, nutriente do leite, e o ferro, nutriente da carne,

quando consumidos concomitantemente na mesma refeição. Constatou-se que o cálcio inibe a absorção do ferro pelo organismo, sendo a causa mais comum da chamada “anemia do leite”. Esta patologia pode ser observada com mais frequência em crianças com idade entre seis meses a três anos, porque o suprimento de ferro que foi armazenado pelo organismo antes do nascimento se esgota antes do primeiro ano de vida. Para suprir esta deficiência, os médicos e nutricionistas recomendam o uso de alimentos fortificados com ferro, além da introdução da vitamina C, com o intuito de elevar a absorção do ferro pelo organismo humano.

Observa-se que o entendimento judaico do preceito bíblico, ao separar na mesma refeição alimentos à base de carne dos alimentos preparados à base de leite e seus derivados, não levou em consideração a interação alimentar nutriente-nutriente. O objetivo é seguir as normas dietéticas da *Torá*. Percebe-se que os israelitas não fazem referência ao fato de que a prescrição se restringe apenas ao animal (cabrito) no leite de sua própria mãe. Isso nos leva a indagar e refletir: nos tempos do Antigo Israel, sendo uma proibição relacionada a um animal utilizado frequentemente em refeições e sacrifícios, já que se tratava de um animal que se multiplicava em grande quantidade, considerado por alguns povos como símbolo de fertilidade, em uma sociedade pastoril, como saber qual era a mãe do cabrito em questão para não cozinhá-lo no leite de sua própria mãe? Neste caso, a fim de proteger a lei, na época pode ter sido proibido cozer todo animal em qualquer leite.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carlos Alberto Nogueira de; RIBAS FILHO, Durval. *Dicionário brasileiro de nutrologia*. Ed. Carlos Alberto Nogueira de Almeida, Durval Ribas Filho. São Paulo: Atheneu Editora, 2009.
- ANDRADE, Claudionor de. *Geografia Bíblica: A geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- ANDINÄCH, Pablo R. *O Livro do êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.
- ANIMAIS LIMPOS E LEIS DIETÉTICAS. *Revista de Catequese. Bíblia e Catequese*. São Paulo: Salesiana, n. 95, jul/set. 2001.
- ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: As tradições e as leis dos judeus praticantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- ARCHER Jr, Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- BAHBOUT, Scialom. *Judaísmo: História – Cultura – Preceitos e Festas*. São Paulo: Globo, 2002.
- BANK, Richard D; GUTIN, Julie. *O livro completo sobre a história e o legado dos judeus: de Abraão ao sionismo, tudo do que você precisa para compreender os principais acontecimentos, personagens e locais*. São Paulo: Madras, 2004.
- BARNAVI, Élie (Diretor). *História Universal dos Judeus: da gênese ao fim do século XX*. São Paulo: Cejup, 1995.
- BEN MAIMON, Moshe (Maimônides). *Mishné Torá, O Livro da Sabedoria*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.
- BIRNBAUM, Eliahu; ROSENBERG, Shalom. *O que é Kashrut? Antologia do Pensamento Judaico sobre as Leis Dietéticas Judaicas*. São Paulo: Sêfer, 2003.
- BLUMENFELD, Yaacov Israel. *Judaísmo, visão do universo: A vida, O mundo e o homem segundo a Torah*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- BUIS, Pierre; LECLERCQ, Jacques. *Le Deutéronome*. Paris: J. Gabalda et Cie, 1963.
- BROWN, Raymond E. *Conoce La Bíblia: Antiguo Testamento: Deuteronomio*. España: Editorial Sal Terrae, 1970.

- BRIGHT, John; *História de Israel*. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- CARSON, D. A.; FRANCE. R. T.; MOTYER J.A.; WENHAM G. J. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CHAMPLIN, Norman Russell. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, v. 2, 2001.
- CHAMPLIN, Norman Russel. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*: 2. ed. São Paulo: Hagnos, v. 6, 2001.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Palavras (Deuteronômio)*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- COHEN, Armando Chaves. *Comentário do Antigo Testamento. Comentário Bíblico: Êxodo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.
- COLE, R. Alan. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, Série Cultura Bíblica, 2008.
- COLEMAN, William. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos: Venda Nova: Betânia; Minas Gerais*, 1991.
- CROATO, Severino J. *Exilio y Sobrevivência*. Tradiciones contraculturales em el Pentateuco. Argentina: Lumen; 1997.
- COZZOLINO, Silvia Maria Franciscato, [organizadora]. *Biodisponibilidade de Nutrientes*. 3. Ed. Atual. e ampl. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMANN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- DOCKERY, David S. *Manual Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 1, 1997.
- DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. Ed. Ver. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- ECHEGARAY, Joaquín González. *O Crescente Fértil e a Bíblia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do Pensamento Moderno).

- FLANDRIN, Jean Louis; Montanari, Massino (Diretores). *História da Alimentação*: São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FRANCISCO, Clayde T. *Introdução ao Velho Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- GIBNEY, Michael J. II. Vorster, Hester H. III. Kok, Frans J. IV. *Introdução À Nutrição Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- GIRARD, Marc. *Os Símbolos Na Bíblia: Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo: Paulus, 1997.
- GOLDBERG, David J; RAYNER, John D. *Os judeus e o judaísmo: história e religião*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- HARRIS, Laird R. JR. ARCHER, Gleason L. WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRISON, R. K. *Tempos do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém, Obra Completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- KALIL, Aldonia Cekaunaskaset al. *Manual básico de nutrição*. 2. ed. ver. aum. São Paulo: Instituto de Saúde, n. 34, 1979.
- KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos porquês*. 5 ed. São Paulo: Sefer, 2007.
- LANDMANN, Jayme. *Judaísmo e Medicina*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A.; BUSH, BUSH, Frederic, W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- LOPES, Fábio Ancora; BRASIL Anne Lise Dias. *Nutrição e Dietética em Clínica Pediátrica*. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.
- LÓPES, Félix Garcia. *Comentário ao Antigo Testamento*. Comissão editorial Santiago Guijarro Oporto e Miguel Salvador Garcia. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- McKENZIE, Jonh L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de deuteronomio*. 2. ed. Lisboa: Editorial Buenas Nuevas. Portugal, v. 2, 1979.

MAYES, A. D. H. *The New Century Bible Commentary Deuteronomy*. England: Marshall, Morgan & Scott; U.S.A: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981.

METZGER, Martin. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, v. 2, 1972.

MISHNÁ. Hebraico, Tradução e Comentários. *Seder Zerayim – Tratado de Berachot*, 2013. Associação Beneficente e Cultural Makom. Supervisão Geral Rabino Shlomo Safra. São Paulo. 2013.

MERRILL, H. Eugene. *História de Israel no Antigo Testamento: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

NEUSNER, Jacob. *Introdução ao Judaísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

ORNELLAS, Alfredo; ORNELLAS, H. Lieselotte. *Alimentação da Criança: Nutrição Aplicada*. São Paulo: Atheneu, 1970.

ORNELLAS, Lieselotte Hoeschl. *A alimentação através dos tempos*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

PEREGO, Giacomo. *Atlas bíblico interdisciplinar: escritura, geografia, arqueologia, teologia*. Aparecida: Editora Santuário: São Paulo: Paulus, 2001.

PHILIPPI, Sonia Tucunduva: *Pirâmide dos Alimentos: Fundamentos básicos da nutrição*. Barueri, São Paulo: Manole, 2008.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. 8. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ROSENBERG, Roy A. *Guia conciso do judaísmo: história, prática e fé*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RUDOLPH, W; ELLIGER, K. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: História, Contexto, Teologia*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

SKA. *Introdução à Leitura do Pentateuco: Chaves para a Interpretação dos Primeiros Cinco Livros da Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

- SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- SHEDD, Russell P. *Bíblia Shedd*. 2ª.ed. ver. E atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da Silva. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SIZER, Frances Sienkiewicz; WHITNEY, Eleonor Noss. *Nutrição: Conceitos e Controvérsias*. 8. ed. Barueri, SP: Manole, 2003.
- THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- UTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VAMOSH, Miriam Feinberg. *Food at the time of the Bible: from Adam's apple to the last supper*. Herzlia: Palphot. Israel, s/d.
- VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.



## ANEXO

### CHALLAH (pão judaico trançado)

#### Ingredientes

1 pacote de fermento seco biológico ou 1 colher (sopa)  
1/2 xícara (chá) de açúcar  
5 ovos  
1/2 xícara (chá) de óleo  
1/2 xícara (chá) de uvas-passas  
9 xícaras (chá) de farinha de trigo  
1 3/4 xícaras (chá) de água morna  
1 pitada de sal  
Gergelim para polvilhar

#### Modo de preparo

Em um refratário, coloque a água morna, o fermento e o açúcar. Misture com a mão ou com uma espátula. Junte uma pitada de sal, quatro ovos (em temperatura ambiente) e o óleo. Adicione a farinha aos poucos. Coloque as uvas-passas quando a mistura estiver quase a ponto de soltar das mãos. Deixe a massa crescer por cerca de uma hora em um recipiente untado com óleo. Divida a massa em seis pedaços, molde-os e depois basta trançá-los (veja como fazer). Leve ao forno (180°C) por 30 minutos.<sup>199</sup>

### BOLO DE NOZES<sup>200</sup>

#### Ingredientes

250 gr de nozes moída(s)  
8 unidade(s) de clara de ovo  
8 unidade(s) de gema de ovo  
4 copo(s) de açúcar  
1 colher(es) (chá) de essência de amêndoas  
2 copo(s) de farinha de matzá  
Quanto baste de raspas de laranja

#### Modo de preparo

---

<sup>199</sup> Disponível em: <http://receitas.folha.com.br/receita/1342>. Acesso em 16 mar. 2015.

<sup>200</sup> Disponível em: <http://cybercook.com.br/receita-de-bolo-de-nozes-de-pessachar>. Acesso em 16 mar. 2015.

Bata as 8 claras em neve.

Use 2 colheres de sopa cheias dessa clara misturando a 2 copos de açúcar, as nozes, a essência, 1 copo de farinha e suco de ½ limão.

Fica como uma massa de torta.

Estenda em uma assadeira e leve para assar, até secar um pouco, mas não asse totalmente.

Rapidamente, bater as gemas com 2 copos de açúcar, juntar um copo de farinha de matzá, as raspas de laranja e o restante das claras em neve.

Cobre-se com geleia a massa que está no forno e despeja-se a Segunda massa por cima.

Volta ao forno, até secar.

## **BOLO DE MAÇÃ<sup>201</sup>**

### **Ingredientes**

Rende: 14 porções

2 ovos

1 xícara (240 ml) de óleo vegetal

1 xícara (200 g) de açúcar

1 1/2 xícara (200 g) de farinha de matzá

1/2 xícara (70 g) de fécula de batata

1 colher (chá) de canela em pó

8 maçãs grandes – descascadas, sem sementes e fatiadas

1/2 xícara (110 g) de açúcar mascavo

1 colher (chá) de canela em pó

1/2 colher (chá) de noz-moscada em pó

### **Modo de preparo**

Preparo: 20mins › Cozimento: 45mins › Pronto em: 1hora5mins

Pré-aqueça o forno a 180 °C. Unte uma forma refratária de vidro de 22 x 33 cm.

Com uma batedeira manual, misture os ovos, o óleo e o açúcar em uma tigela grande. Acrescente a farinha de matzá, a fécula de batata e 1 colher (chá) de canela, batendo sempre.

Em outra tigela, misture as maçãs com o açúcar mascavo, 1 colher (chá) de canela e a noz-moscada.

---

<sup>201</sup> Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/2636-bolo-de-maçã>. Acesso em 16 mar. 2015.

Monte uma camada com a metade da massa na forma já preparada. Despeje as maçãs. Depois, com cuidado, coloque a massa restante sobre as maçãs. Se desejar, polvilhe com um pouco de açúcar mascavo. Asse o bolo no forno preaquecido por 45 minutos.